

PELA

GRANDE COMMISSÃO EXECUTIVA

DO PRIMEIRO CENTENARIO DO GRANDE MINISTRO

ANNO 1782

INICIATIVA
DO
CLUB DE REGATAS
GUANABARENSE

Lith. Portugueza, a vapor. Laranjal, 118 — PORTO

S. SANHUDO

HOMENAGEM

AO

MARQUEZ DE POMBAL

Sebastiaõ Joseph de Carvalho e Mello

O MARQUEZ DE POMBAL
E
O CLUB DE REGATAS GUANABARENSE

Pela bocca d'um dos seus heroes disse o artista portuguez mais eminente do seculo actual:

> Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
> Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
> Do teu renome?... Sim, recebe-o, guarda-o,
> Generoso Amazonas, o legado
> De honra, de fama e brio...

Não foi baldado o appello do grande litterato: a nação brazileira em geral, e algumas associações em particular, no numero das quaes tem lugar distinctissimo o CLUB DE REGATAS GUANABARENSE, teem dado sobejas provas de que aceitam o legado. Ainda nos resôam nos ouvidos, porque se não passaram dous annos, os echos festivaes do centenario de Camões, em que esta benemerita corporação tomou parte brilhante, e já pensa em organisar festas, já se esmera em preparar louros para enramar a fronte d'um dos homens mais extraordinarios que teem aberto os olhos á luz em terras de Portugal. Não tardará que se lhe sigam o infante D. Henrique, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, Mousinho, Garrett, José Estevão, Herculano.

Mas o dia de hoje será de Pombal. E por que não?

Andam por ahi uns brandões sinistros a alumiar o vulto do grande marquez, no piedoso intuito de lhe dar o aspecto de condemnado ás galés, ou de scelerado que merecesse ajustar contas com o carrasco na Praça Nova, se não houvera o perigo de lhe manchar o luxuoso pavimento com que foi dotada recentemente.

Porém o CLUB DE REGATAS GUANABARENSE, composto de homens do seu tempo d'elles, nascidos áquem e além do Atlantico, serve-se de luzes menos fumarentas.

Para elle o marquez de Pombal é o galvanisador do cadaver d'uma nação, é quasi o Christo de um Lazaro queimado nas fogueiras, depois de desmoralisado nas conquistas, sugado pelos nobres e estupidificado pela obediencia jesuitica.

Para elle o marquez de Pombal é o homem superior, que, obedecendo aos principios do seu tempo, preparava o caminho para a liberdade, dando importancia ao terceiro estado, a quem procurava illustrar nas escolas, a quem melhorava a subsistencia, levantando a agricultura, reorganisando o commercio, creando a industria.

Para elle o marquez de Pombal é o reformador da educação nacional, o introductor das sciencias naturaes, que tornou possivel o renascimento das letras, e a fundação de uma corporação scientifica que por alguns annos fez esperar uma regeneração que se mallogrou nas mãos impotentes, fanaticas e imbecis, que dirigiam o leme do Estado.

Todavia não é facil recolher toda a semente que uma vez se dispersou pelo campo; dos grãos que ainda ficaram no sólo rebentaram os jacobinos da guerra peninsular, os liberaes de 1820, e os repatriados de 1832, que deram os rebentos de que se fórma hoje o CLUB DE REGATAS GUANABARENSE e muitas outras collectividades de cá e de lá.

Grande é o poder dos raios do sol, que vão até alumiar Neptuno a mais de mil milhões de leguas.

Porto, 5 de março de 1882.

Francisco de Faro Oliveira.

As consagrações centenniaes são o supremo julgamento dos grandes vultos da historia; juizo sempre justo, porque dimana do tribunal unico infallivel — a consciencia da posteridade.

Eduardo Lemos.

O MARQUEZ DE POMBAL

Ha um seculo que este personagem se destaca, cada vez com mais relevo, do fundo cinzento da historia portugueza. N'elle existem todas as condições que podem ferir a alma popular: é forte de musculos, é decisivo de vontade, tem uma percepção rapida do seu fim, revelando nos momentos sinistros da sua vida inquieta meios extraordinarios para o conseguir. Um mixto de galanteria, de anciedade de progresso humano e de serenidade cruel compunham este notavel caracter, esta riquissima organisação revolucionaria.

Hoje mais do que nunca, sentindo-se proxima uma levantada empresa transformadora, todos os espiritos sinceros procuram instinctivamente uma individualidade energica e, para resumir as suas aspirações, pronunciam o nome do marquez de Pombal! A alma collectiva do povo portuguez, sente que lhe falta esse grande instrumento de civilisação que se chama *um verdadeiro homem d'Estado*, como elle foi, tendo-o sido terrivelmente grande!

A sua inabalavel tenacidade pôde n'um curto periodo d'annos (1755-1777) reedificar Lisboa, depois de derruida n'um terremoto memoravel; reformar os estudos, pervertidos durante seculos pela direcção jesuitica; animar a agricultura, desfallecida pela cubiça das riquezas faceis; crear as industrias, que não existiam; disciplinar o exercito e fazer de Portugal uma nação respeitada em todo o mundo!

Era grande! — a historia para fixar definitivamente um homem precisa que elle tenha enorme estatura. Era vigoroso e audaz, tanto no corpo como no pensamento — o sentimento d'uma nação, para comprehender um personagem, precisa que elle seja predominante, que valha mais que os outros. Commetteu iniquidades?! Commetteu-as tremendas; mas tambem produziu muita justiça. Foi absolutista e arbitrario? Foi, merece as asperas censuras dos que tem sentimentos democraticos; mas eram estes os meios da sua época e com elles tornou florescente e prospero o Brazil, aniquilou o embrutecedor poder clerical, instruiu-nos, provou á nobreza que a hereditariedade social e politica é uma bagatella e uma falsidade.

O marquez de Pombal é o verdadeiro precursor do mundo moderno em Portugal. Com o seu genio fez uma aurora depois de ter armado uma grande tempestade.

É um vulto sinistro e potente, d'uma compleição, d'uma musculatura shakespeareana. Os estrangeiros chamam-lhe *le grand marquis*.

Lisboa, 9 de março de 1882.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

Portugal, depois dos gloriosos descobrimentos de seus grandes navegadores, que lhe são o maior e o mais completo titulo de autonomia sociologica, foi a pouco e pouco, pela falta d'uma missão social combinada a certas circumstancias politicas, tomado de estagnação, e toda a sua evolução scientifica, industrial e politica quasi parou em completa immobilidade.

Foi o marquez de Pombal quem iniciou o movimento ascensional que desde então vem continuando. Profundamente influenciado por esse conjuncto de doutrinas, admiraveis em sua grande emancipação, que caracterisam o seculo XVIII, Pombal foi um politico systematico á maneira de Turgot. A sua prodigiosa actividade exerceu-se em todos os ramos da politica, arte mais que todas difficil para que se necessitam conhecimentos mais vastos e uma sagacidade mais penetrante que para nenhuma outra.

Se um grande homem é como o definiu Pierre Laffitte o que resolve um problema estabelecido pelo conjuncto dos antecedentes historicos, e pela situação sua contemporanea, Pombal foi-o mais que nenhum outro em Portugal. Examinando o problema que então se impunha aos homens d'Estado portuguezes á luz da sociologia positiva fica-se cheio da mais respeitosa admiração pelo homem que o soube comprehender e encontrar-lhe a solução sem o poderoso auxilio de uma sciencia que só em nossos dias foi constituida systematicamente.

A grandiosa operação politica de Pombal deixou incontestavelmente poderosos e duradouros vestigios de que foi benefica a todos os que fallamos portuguez; mas não teve, cumpre reconhecel-o, o exito que se poderia esperar e fôra para desejar que alcançára. A razão d'este insuccesso relativo é facil de comprehender. Um governo qualquer, por mais poderoso que seja, tem necessidade, para ser duradouro, d'um ponto de apoio mais ou menos grande na opinião publica nacional.

Em Portugal não havia ao tempo que surgiu o grande ministro uma classe intermediaria entre o governo e a grande massa popular — sufficientemente instruida e emancipada para dirigir a opinião, apoiando um ministro progressista. A distancia entre o grande ministro e o povo era necessariamente enorme, como o é sempre a que separa os grandes genios dos seus contemporaneos; por tanto na ausencia de uma classe intermediaria, Pombal só se pôde apoiar sobre o rei, por isso Pombal cahiu, quando D. José morreu, sem que a nação indifferente e incapaz de o comprehender levantasse um unico protesto. Mas o movimento estava começado, já não era possivel parar. O impulso de Pombal fôra muito vigoroso e bem dirigido, para que ninguem pudesse destruil-o mais. Sem duvida uma grande parte do imponente edificio que Pombal construira se viu desmantelado pelos esforços d'uma deploravel reacção, mas as bases fundamentaes ficaram como alicerce sobre que as gerações posteriores poderão reconstruir a grandeza da nação.

Em todo caso a nossa gratidão deve medir-se pelo que Pombal executou de bom, de grande e de nobre para o serviço da sua patria e da humanidade, quaesquer que sejam as lacunas e os defeitos inevitaveis em toda a construcção humana.

Oscar d'Araujo.

V. Sª achará inclusa neste Bilhete a Copia da Nota que Monsieur Hay acaba de tomar da participação, que lhe fiz por ordem de Sua Magestade, da crysis em que fica este Reino. E como a negociação per si se recomenda, só tenho, que acrescentar, que V. Sª proceda na conformidade da mesma participação, e Nota com [illegible], [illegible] de tempo do que ahi passar. Deus guarde a V. Sª m.s an.s Belem em 17 de Abril de 1762

[illegible]

Conde de Oeyras

S. Martinho de Mello de Castro.

O Dictador

Volveram já cem annos, depois que o sepulchro se fechou sobre o cadaver de Sebastião José de Carvalho, e ainda se não apagaram as paixões que accendeu o violento revolucionario; ainda o fumo d'ellas envolve aquelle grandioso vulto, que sobresahe na historia do seculo XVIII, como estatua de gigante sobre um pedestal de ruinas. Luctou em vida com formidaveis adversarios, que derrubou; e os seus triumphos, ora mereciam o favor e applauso publico, ora excitavam o sarcasmo dos philosophos e a execração das turbas. Depois de morto, a sua memoria é ao mesmo tempo abençoada e maldita: fazem-lhe apotheose os que vêem n'elle o iniciador da época moderna, o Hercules que arrasou com mão vigorosa os principaes baluartes do velho regimen; cobrem-a de rancorosos vituperios os que elle, em combate, prostrou no campo, inutilisando-os para sempre. Os que se não deixaram cegar pelo odio, mas que se limitam a olhar as apparencias, accusam o ministro de D. José de haver fortalecido o despotismo, procurando firmar o throno dos reis, como em rocha inabalavel, sobre os alicerces do direito divino.

Ha n'esta accusação um mixto de verdade innegavel e de profunda injustiça: o marquez de Pombal revigorou o poder absoluto, chegando quasi a deificar a realeza; é um facto que se não póde pôr em duvida, sem contradizer os mais authenticos testemunhos da historia; mas tambem a historia nos demonstra, com provas irrefutaveis, que o reformador se aproveitou d'aquella força para arrazar as instituições caducas, preparando o terreno em que mais tarde se deveria erguer o edificio da liberdade. Procedeu conscientemente? Ninguem poderá affirmal-o: francamente autoritario, por educação ou por indole, como demonstrou em todos os actos da sua vida, quer no fastigio do poder, quer nas humilhações do infortunio, não era de certo seu intento abater a autoridade suprema, e que elle proprio tornaria illimitada: obedeceu, porém, á fatalidade do seu seculo.

Por toda a parte, n'aquelle tempo, se manifestavam aspirações e tentativas de reformas; se o ministro portuguez foi o maior dos reformadores, é porque nenhum outro soube proceder com tão inquebrantavel firmeza na execução dos seus designios. Assumindo a dictadura revolucionaria no momento em que o paiz, empobrecido e oppresso, havia cahido na estupida resignação do desespero, ninguem como elle adquiriu tantos direitos á gratidão publica, e ninguem suscitou tão violentos odios. Foi verdadeiramente um despota, sempre rigido, quasi sempre cruel; mas foi dos mais avançados precursores da liberdade e dos que trabalharam com mais valentia e perseverança. E é este merito o que dá maior vulto á sua estatura moral; o que faz grande o seu nome na historia politica das nações modernas. Intelligencia muito superior ao vulgar, não ha comtudo em nenhuma das suas obras o esplendor do genio, que deslumbra: mas o que em todas se admira é a suprema energia da vontade que derruba os mais fortes obstaculos, domina as mais soberbas resistencias, sem nunca se desviar do caminho traçado — a linha recta, que é a mais curta.

Passando em revista os actos do marquez de Pombal, causa verdadeiro assombro o contraste das largas vistas e estreitos preconceitos, das aspirações generosas e condemnaveis sentimentos que elles revelam. Ao mesmo tempo que preparava a regeneração social pela diffusão dos estudos, arrancando as novas gerações dos limbos da ignorancia, deixava-se arrastar pelas preoccupações vulgares, procurando desenvolver a riqueza publica pelos artificios d'uma legislação oppressiva. Accendia despreoccupadamente a ultima fogueira do santo officio para queimar, como heretico, um velho idiota, e ao mesmo tempo secularisava o terrivel tribunal, despojava-o das jurisdicções de que até então havia desenfreadamente gozado, libertando d'esse modo as consciencias das garras do fanatismo. N'estas e muitas outras flagrantes contradicções, que, olhadas superficialmente, são devéras inexplicaveis, retrata-se com vigorosa fidelidade o caracter d'uma época, tranquilla na apparencia, mas em cujo seio luctavam já os elementos de que se formára o passado e os que haviam de constituir o futuro.

O espirito innovador que dominava as classes illustradas, só por meios violentos poderia vencer as resistencias da tradição, do habito, dos interesses e da ignorancia. Essa a razão por que o marquez de Pombal, como o rei da Suecia, como todos os reformadores d'aquelle tempo, tomaram nas mãos a clava do poder despotico para esmagar com ella os egoismos e os preconceitos. Nem d'outro modo poderiam triumphar as novas idéas, porque a massa geral da população, ignorante e desconfiada, nem comprehendia quanto seriam beneficas, nem se queria arriscar nas aventuras do desconhecido.

Um exemplo basta: Turgot, que não cedia em capacidade a nenhum dos innovadores, e que era muito superior, na esphera intellectual, á maioria d'elles, não querendo, ou podendo impôr as suas reformas, teve de retirar-se do ministerio, sem realisar as suas esperanças, nem corresponder á confiança que haviam inspirado os seus talentos. Progrediu a desordem resultante da lucta de forças oppostas, e poucos annos depois rebentou a revolução franceza, que abriu uma nova era, e de que o marquez de Pombal, com a sua energica dictadura, foi um dos mais notaveis precursores.

Delphim d'Almeida.

Depois de Camões, Pombal. O culto dos agentes benemeritos da evolução humana cresce com a espontaneidade irresistivel dos factos da ordem natural. Mas não basta, cumpre systematisar a nova adoração. Augusto Comte já o fez, e só o Positivismo poderá unificar as convicções populares, condição indispensavel para determinar a convergencia das expansões do sentimento. Em quanto a nova Unidade Religiosa, construida por Augusto Comte, não triumphar, as festas como a de hoje serão apenas prenuncios das grandes explosões do sentimento humano, celebrando a obra dos gigantes da historia. Só a religião da humanidade, baseada na sciencia, póde julgar os grandes homens e avaliar os seus serviços.

Miguel Lemos.

AO MARQUEZ DE POMBAL

Em quanto em Portugal ergue-se o povo,
Para dar de civismo um grande exemplo,
O povo do Brazil segue-o de novo
Ás mesmas aras d'esse mesmo templo.

Hontem... era uma sombra gloriosa,
Que através de tres sec'los s'estendia;
Hoje... — uma luz potente e radiosa,
Que brilha em pleno céo, em pleno dia.

D'entre as mais bellas paginas da historia
D'esse paiz de heroicas tradições,
Do marquez de Pombal surge a memoria:
Aguia pousada em antro de leões!

De um lado: a Inquisição, como a procella
Fugindo espavorida d'esse Imperio;
D'outro: Lisboa — resurgindo bella
Das ruinas de um vasto cemiterio...

E sobre o pedestal, cercado d'isto:
— Os quebrados grilhões de Portugal —
Solemne, altiva, como a cruz do Christo,
A estatua de Pombal.

Côrte, 8 de fevereiro de 1882.

Mucio Teixeira.

MARQUEZ DE POMBAL

A nova geração que levanta a fronte aureolada pelos esplendores da liberdade, que olha para o futuro e n'elle divisa um horisonte vasto e brilhante, procura hoje no grande livro da historia aquelles heroes a quem os povos devem os mais assignalados serviços, e vai com o facho da justiça saudal-os e engrandecel-os.

Cada nação busca com legitimo orgulho collocar no pantheon da gloria os seus grandes genios; os homens extraordinarios que foram o seu assombro e desvanecimento: poetas, historiadores, politicos, navegadores audazes, philosophos e os grandes genios da sciencia.

A França saúda Voltaire, a Italia o seu Dante, a Allemanha o seu Gœthe, a Hespanha o seu Calderon, Portugal e Brazil, que são dous povos irmãos, o seu Luiz de Camões, e hoje o vulto mais colossal e mais audaz, Sebastião José de Carvalho.

Mas quem é este homem?

Não foi poeta, não foi historiador, não foi philosopho e comtudo o seu nome não esqueceu no periodo de cem annos! Nascemos a ouvir fallar n'elle, como se fôra um gigante terrivel, grande, austero, sublime!

Que fez?! Elevou Portugal a uma nação de primeira ordem, diminuiu os horrores d'esse infame tribunal chamado a Santa Inquisição, organisou um exercito, deu um poderoso impulso ás colonias portuguezas, animou e protegeu a agricultura, reformou os estudos da Universidade, dando-lhes uma direcção mais util e mais scientifica, levantou escolas e academias, quebrou os ferros da escravidão no continente do reino, reformou a justiça, expulsou de Portugal os jesuitas, levantou uma cidade sobre as ruinas d'um terremoto, tornou o nome portuguez respeitado e temido!

Abate o orgulho da nobreza, lança as bases d'uma grande revolução social.

Tudo isto fez aquelle immenso e admiravel genio, que a nação hoje saúda como um protesto eloquente á sua memoria.

Foi cruel na sua justiça!?

Mas colloquemos os homens na sua época, no meio em que viveram, na sociedade que tinham de frente a contrariar-lhes as aspirações, e só d'este modo os poderemos devidamente apreciar.

Foi um grande genio; os erros que lhe podem apontar em nada diminuem o seu vulto colossal. Tambem o sol tem manchas e entretanto o esplendor dos seus raios fecundam e maravilham.

Camões levanta ainda hoje o espirito nacional com o seu immortal poema; a memoria do grande estadista portuguez faz-nos empunhar as armas da liberdade contra os descendentes de Loyola, os inimigos da luz, que fundam o seu poderio na ignorancia e na miseria do povo.

Saudar, pois, hoje o heroe que levantou a patria ao apogeu da gloria, não é sómente justiça, é mais ainda, — é gratidão!

Lisboa, 1882.

Costa Goodolphim.

O Marquez de Pombal

Foi a força e a gloria de sua nação!

Entre as grandes e illustres influencias individuaes, que dominam, restabelecem, fundam e sustentam os Estados, ninguem negará o primeiro lugar a esse ministro de D. José I de Portugal.

Apenas empossado no poder, fez sentir a todos os reis que Portugal reconquistaria o seu poder. E Portugal foi rehabilitado.

Era mister conter o crime e punil-o; e Pombal realisou esse grande *desideratum*, empregando a maior severidade.

Quem como elle governou Portugal á sua discrição e por longos 27 annos, deixando de seu governo a abundancia, a prosperidade, o adiantamento social e a moralidade, deixando ainda os cofres publicos repletos de ouro, — não necessita de mais titulos á gratidão nacional e á perpetuidade de seu nome na historia.

Os jesuitas se haviam constituido um colosso enorme, e que parecia inexpugnavel, em Portugal: seu poder era immenso; e, apesar de reconhecidamente prejudiciaes, ninguem ousava combatel-os.

Pombal os atacou de frente e flanco: os jesuitas foram expulsos de Portugal e seus dominios. A intelligencia, o vigor d'esse ministro de Estado, bastaram para vencel-os e rechaçal-os.

Pombal, n'aquelle tempo e sob um dominio absoluto, foi mais liberal e patriota, do que são hoje os chamados estadistas de paizes que se dizem livres, mas que, egoistas, tremem diante da ameaça d'uma irrisoria censura de Roma.

Se da administração de Pombal só esse facto estivesse registrado, bastaria para eternisar o seu nome e conferir-lhe o titulo de eminentissimo estadista e denodado patriota.

Em quanto os Bismarks transigem, Pombal, em época muito mais difficil e em frente do mais ousado e poderoso inimigo, foi sempre severo, intransigente, e manteve inalteravel coherencia. Era sincero: tinha opinião assentada.

Fez conter a ambição da Hespanha, reformou a universidade de Coimbra, fundou uma academia de commercio, disseminou escolas publicas nas provincias, e, além do mais, só elle com a sua força de vontade, suprema energia e patriotismo, conseguiria levantar a soberba e elegante Lisboa sobre as ruinas d'uma cidade aniquilada pelo terremoto.

A celebridade de José I consistiu em ter tido Pombal por seu ministro!

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1882.

Joaquim Saldanha Marinho.

O Marquez de Pombal

Quanto mais altas forem as figuras que se levantam no pedestal da historia, impondo-se á veneração dos posteros, tanto maior deve ser a distancia, no extremo da qual haja de celebrar-se a apotheose.

A projecção de cem annos não basta para um homem que, com um simples gesto de titan, reedificou, arrancando-a dos escombros das ruinas, uma cidade.

A revolução interna e externa, profunda e transformadora, operada ao influxo do marquez de Pombal, absorveu no seu vortice, como todas as revoluções, centenas de victimas!

Um seculo, desdobrando-se sobre os acontecimentos, é pouco para enxugar as lagrimas, para apagar a nodoa de sangue, ainda morno, e para fazer desapparecer, até ao ultimo vestigio, a herança do odio, deixando brilhar, em todo o seu pristino esplendor, a obra gloriosa do genio.

A epica estatura de Pombal exige, para ser desassombradamente julgada, um espaço de trezentos ou quatrocentos annos.

Porque os revolucionarios, embora morram pregados na cruz, como o Nazareno, martyr da sua doutrina, orvalhando com o sangue das veias o decalogo do seu apostolado, provocam fatalmente por entre o hosanna do triumpho o *Crucifige* da execração.

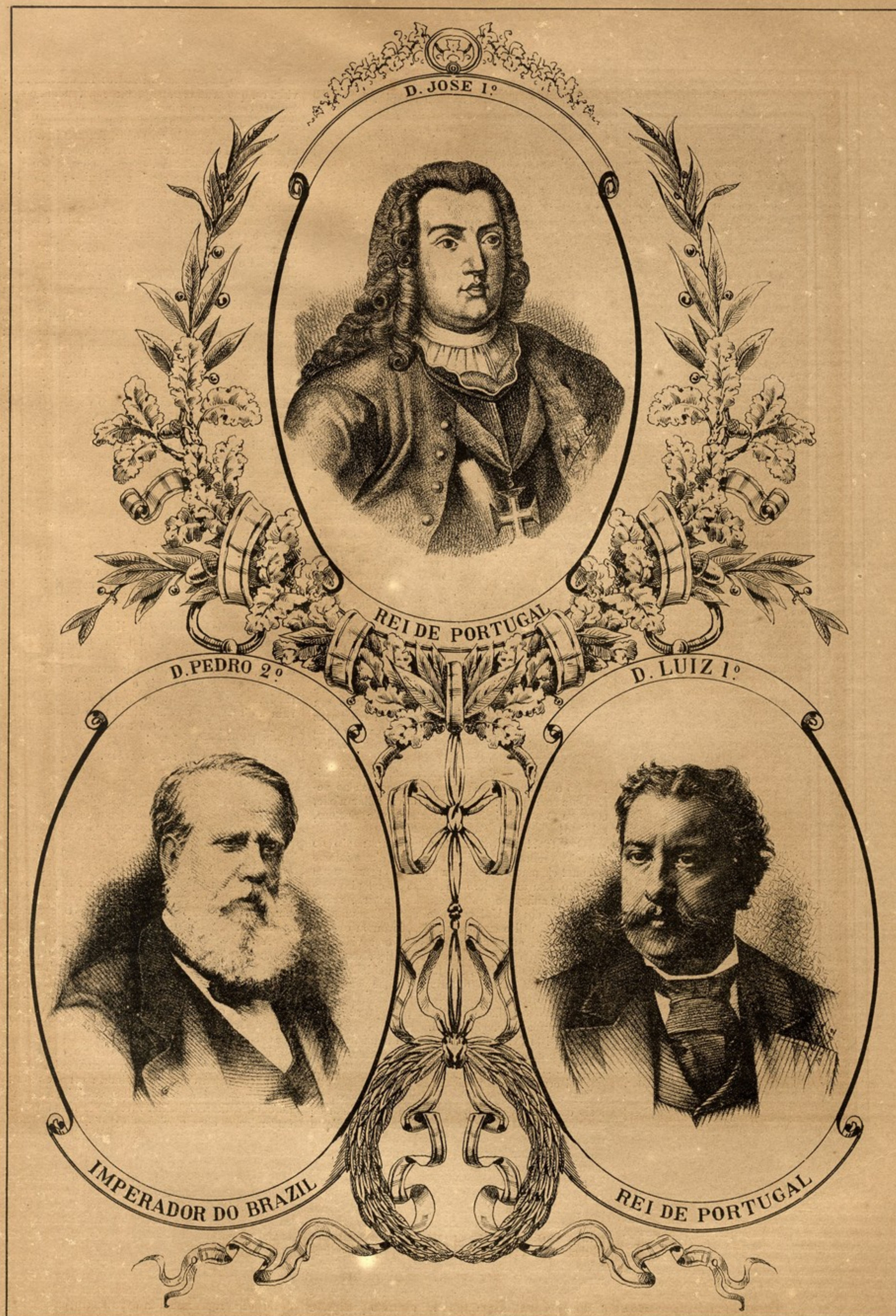
A par do jubilo dos fracos que se libertam, ha sempre a represalia dos despotas que amaldiçoam.

O *avè* dos opprimidos resoou ha muito.

O echo rancoroso dos oppressores extinguir-se-hia já?

Eis o que vai dizer-nos o primeiro centenario do marquez de Pombal.

Guiomar Torrezão.


D. JOSE 1.º
REI DE PORTUGAL
D. PEDRO 2.º
IMPERADOR DO BRAZIL
D. LUIZ 1.º
REI DE PORTUGAL



O Marquez de Pombal entrega, em nome de el-rei D. José, os estatutos que reformam a universidade (1772), e apresenta o novo reitor D. Francisco de Lemos

Notaveis vestigios do genio de Pombal conserva ainda hoje um dos pontos mais centraes do continente sul-americano: a velha e quasi deserta cidade de Matto-Grosso. O grande estadista nos seus sonhos de futuro pensára poder alli fundar a capital d'um immenso imperio.

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1882.

ESCRAGNOLLE TAUNAY.

COMO PORTUGAL SE FAZIA RESPEITAR NO TEMPO DO CONDE D'OEIRAS

Como este jornal se destina á glorificação posthuma de um dos homens de Estado a quem, n'estes ultimos seculos, Portugal mais deve, não serei eu um dos ultimos a prestar a homenagem da minha veneração a esse alevantado espirito, que, por muito dolorosas que fossem as maculas que empallideceram parte da aureola apologetica da sua vida administrativa, prestou comtudo serviços tão assignalados não só ao seu paiz, como á causa da civilisação europeia, que a sua memoria não poderá deixar de merecer sempre o respeito grato e venerando das gerações futuras.

Eu quero unicamente referir um facto, não novo de certo, mas cuja rememoração tem a grande utilidade de avivar um exemplo de elevado patriotismo, pela grata lição de civismo e hombridade que traduz.

Tendo, durante a administração do marquez de Pombal, então conde de Oeiras, sido queimados pela marinha britannica, na costa de Lagos, alguns navios francezes ás ordens de mr. de la Clue, o ministro de D. José I pediu immediatamente a devida reparação á côrte de Londres, fazendo-o com uma tal firmeza e energia, que o rei Jorge não só mandou a Lisboa um embaixador extraordinario, lord Quinoul, para dar todas as satisfações da affronta praticada para com a nação portugueza, como o proprio plenipotenciario em uma audiencia, para que haviam sido convidados todos os ministros estrangeiros, exprobrou o procedimento dos officiaes inglezes, dando fé plena e cabal da irresponsabilidade do seu governo em um procedimento que era o primeiro a lamentar e a censurar.

Este facto, já de si importante, duplica porém de valor, conhecendo-se o desassombro, e a arrogancia até, de varios periodos inscriptos nas tres notas enviadas pelo conde de Oeiras ao governo britannico, a proposito d'esta questão.

Sendo o principal intuito d'este ligeiro artigo, tornar bem conhecidas algumas das phrases mais energicas d'essa correspondencia diplomatica, aqui as deixo transcriptas.

Na primeira nota, dirigida pelo ministro de Portugal ao dos negocios estrangeiros de Inglaterra, lê-se:

« Sei que o gabinete inglez tem adquirido grande influencia sobre o nosso, porém tambem sei que é chegado o tempo em que deve acabar. Se os meus predecessores tiveram a fraqueza de conceder á Inglaterra quanto exigiu, eu só lhe concederei o que fôr de direito. Tal é a minha resolução ».

No terceiro despacho, mais desenvolvido, e motivado pela reluctancia da Inglaterra em dar a satisfação exigida pelo insulto recebido, dizia o conde de Oeiras, entre outras cousas o seguinte:

« Pouca consideração lograveis na Europa, quando já por todas as nações eramos respeitados: a vossa ilha não era mais do que um ponto na superficie do globo, e o nome portuguez resoava já nas quatro partes do mundo: dominavamos na Asia, na Africa e na America, quando não possuieis mais que uma pequena ilha na Europa. O vosso poder era tal, que só á segunda ordem devieis aspirar; porém conseguistes elevar-vos á primeira, com auxilio dos meios que vos ministramos.

....

« Nos ultimos cincoenta annos tendes extrahido de Portugal mais de mil e quinhentos milhões: a historia não menciona nação alguma que enriquecesse outra com semelhante somma.

....

« Por uma estulticia sem exemplo na historia universal do mundo economico, toleramos que nos ministreis todos os objectos de um luxo, que é assás consideravel. Á nossa custa subsistem 500:000 artistas, subditos de Sua Magestade Britannica. As producções dos vossos campos nos alimentam; tendes substituido os nossos lavradores por cultivadores inglezes. Hoje a Inglaterra nos subministra os seus grãos, outr'ora consumia os nossos. Haveis arroteado os vossos campos, ao passo que deixamos os nossos em baldio. etc. etc.

« Porém lembrai-vos de que, se vos temos elevado ao auge da grandeza, de nós só depende o despenhar-vos no mesmo nada de que vos fizemos sahir. Uma só lei póde prostrar o vosso poder, ou, pelo menos, enfraquecer o vosso imperio. Basta prohibir, sob pena de morte, a sahida do nosso ouro, para que cesse a sua exportação ».

....

« Porém, não vos illudaes; eu fiz rodar o duque de Aveiro por haver attentado contra a vida do rei e poderei tambem mandar enforcar um dos vossos capitães se desprezar a lei. Ha tempos nas monarchias, em que um só homem póde muito; não ignoraes que Cromwel, em qualidade de protector da republica, mandou executar o irmão de Sua Magestade Britannica, por haver assentido a uma commoção publica: sem ser Cromwel saberei imital-o, em qualidade de ministro protector de Portugal. Não farei o que posso, se fizerdes o que deveis ».

....

No meio do abatimento politico a que chegamos, é consolador ainda vêr como outr'ora nos faziamos respeitar e considerar de uma das já então mais poderosas nações da Europa.

O parallelo d'essas épocas com a actual é bem triste sem duvida; mas no entretanto, que mais queremos nós, se continuamos a possuir a amizade tão sincera como desinteressada d'essa nossa fiel alliada, a Inglaterra?...

Como as cinzas regeladas do grande ministro de D. José I se teriam commovido nos reconditos corroidos do seu tumulo, se tivessem podido presenciar todas as phases lancinantes por que têm passado os brios do nosso querido Portugal, desde que a morte aniquilou aquelle espirito altivo e audaz?!

Manoel M. Rodrigues.

SIGNIFICAÇÃO DO CENTENARIO DE POMBAL

Em 1880, celebrando o tricentenario do immortal poeta Luiz de Camões, o povo portuguez mostrou consciencia da sua vida historica e deu signaes evidentes de que em seu seio começava a elaborar-se uma renovação de todos os elementos organicos da nacionalidade. As festas civicas em honra do grande épico foram como que o despertar do paiz que ha tres seculos dormia á sombra das suas tradições gloriosas, enervado, abatido, quasi morto pela acção mephitica e deleteria da instrucção jesuitica e do regimen monarchico. A fórma por que se manifestou o sentimento nacional, tão espontanea e tão unanime, é uma prova bem frisante e incontestavel de que a nação portugueza entrou emfim n'um periodo de reorganisação. Mas, como succede com o corpo humano, que não passa, de repente, d'um estado de doença para um estado saudavel, sem atravessar uma phase mais ou menos longa de convalescença, tambem na sociedade se dá um phenomeno identico, tambem o organismo social antes de chegar ao estado de pleno desenvolvimento passa por uma phase transitoria, durante a qual os novos elementos de vida vão triumphando gradualmente dos elementos morbidos e corrompidos que o estiolavam. A sociedade portugueza acha-se exactamente n'este momento de transição. Não devemos, portanto, desesperar, nem qualificar de ficticio e illusorio o sincero enthusiasmo levantado por occasião do tricentenario de Camões. As imponentes manifestações promovidas contra o tratado de Lourenço Marques e contra os jesuitas são symptomas indubitaveis de que Portugal entrou no caminho da sua revivescencia. A lucta contra os principios monarchico e clerical está travada, e de dia para dia accentua-se a força esmagadora e inquebrantavel das novas idéas.

O centenario do marquez de Pombal fornece-nos uma nova prova do que vimos de avançar. Esta commemoração é um protesto, que promette ser energico e digno, contra o espirito reaccionario, embora á primeira vista pareça a glorificação do cesarismo mais despotico e mais revoltante, porque de facto o marquez de Pombal é o typo portuguez, que melhor representa o engrandecimento e o triumpho definitivo do poder monarchico absoluto. Mas é certo que foi tambem esse grande ministro o iniciador da guerra contra a Companhia de Jesus e o primeiro que ousou expulsal-os d'um Estado catholico, na segunda metade do seculo XVIII; e é só sob este ponto de vista que se celebra o primeiro centenario do fallecimento de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Não discutimos aqui os actos do omnipotente ministro de D. José, nem indagamos sequer os motivos que o levaram a tomar uma attitude audaciosa e independente em face dos poderosos jesuitas, para nos occuparmos só e exclusivamente da verdadeira significação d'estas festas civicas. Se é pouco ou nada sympathico o vulto notavel do marquez de Pombal, em razão das suas vinganças sangrentas e dos seus erros governativos, é pelo contrario bastante louvavel e digna de applausos a idéa que a nossa mocidade academica ligou á commemoração d'este centenario, e que se encerra em dous artigos do programma: Pedir ao poder executivo *o cumprimento exacto dos decretos do marquez de Pombal e Joaquim Antonio de Aguiar, a respeito de todas as ordens religiosas, e a inspecção rigorosa do ensino para obstar aos progressos da reacção religiosa.*

N'estas poucas palavras está a comprovação de que o centenario do marquez de Pombal é mais um symptoma da reorganisação nacional, que tende a effectuar-se pela eliminação da realeza e de todas as influencias religiosas.

1882 — 7 de março.

TEIXEIRA BASTOS.

No XVIII seculo era chegado o momento de substituir a dictadura theologica pela dictadura sociocratica; isto é, por um governo que mantivesse a ordem material e garantisse a plena liberdade espiritual, supprimindo todos os privilegios. Pombal teve a gloria de concorrer quanto em si coube para este resultado. Eis o que o constituirá eternamente um dos benemeritos da humanidade.

Rio de Janeiro, 11 de Homero de 94
(8 de fevereiro de 1882).

RAYMUNDO MENDES.

MARQUEZ DE POMBAL

Eu desço e v. exc.ª sobe — respondera o marquez de Pombal a um fidalgo, que, subindo, o interrogára nas escadas do Paço, pedindo novas do rei...

Portugal, que tanto desceu, descendo o ministro, hoje, que este sobe, subirá tambem?!...

No tempo do marquez cumpria-se para não legislar, hoje legisla-se para não cumprir...

LEONARDO TORRES.

POMBAL

Os homens, na sua pluralidade, são uns transitorios elaboradores de residuos; aquelles que, além dos residuos, elaboram idéas, — são os que constituem a historia e se incrustam n'ella á perpetuidade. Façam abstracção dos homens excepcionaes, e toda a historia da humanidade se reduzirá á simples definição zoologica: «*Homens* — animaes mammiferos, da ordem dos primates, familia dos bimanes».

Rio de Janeiro, 1882.

Verediano Carvalho.

O MARQUEZ DE POMBAL

Entre os grandes homens de Portugal occupa incontestavelmente o primeiro lugar o marquez de Pombal, que, na opinião do principe de Metternick, foi um dos vultos mais notaveis do seculo XVIII.

Com ter sido um d'esses genios que raro apparecem no mundo politico, reunindo a altivez e implacabilidade dos Richelieu, a subtileza e astucia dos Mazarini e a obstinação e audacia dos Alberoni, não nol-o apresenta immaculado a historia imparcial; mas os erros que commetteu, remiu-os o eminente estadista por actos de acrisolado patriotismo, com que salvou sua nação de total aviltamento, vencendo sérias difficuldades que se oppunham ao livre exercicio de sua autoridade.

Quando acontece subir ao poder um homem de caracter energico, firme em seus designios e que nada é capaz de arredar do caminho que premeditou trilhar, esse homem arrasta facilmente os outros em seu seguimento. Os que se rebellam contra elle são esmagados, e os descontentes limitam-se a murmurações inuteis; os homens activos convertem-se em instrumentos n'essa mão robusta que regula todos os movimentos da machina social. Tal foi Sebastião José de Carvalho e Mello, innovador atrevido e perigoso, subjugando a aristocracia facciosa, destruindo o monopolio pedagogico e o mercantilismo da Companhia de Jesus, para dotar o povo com instituições que tinham em si as fontes do mais vasto progresso. Commercio, lavoura e industria, exercito, marinha e justiça, governo civil e ecclesiastico, tudo recebeu nova organisação, em tudo se assignalou o dedo do gigante.

Acima de todo o elogio está o tino financeiro do infatigavel administrador. Apesar da reedificação de Lisboa, extincção dos jesuitas, estabelecimento de innumeras fabricas, escolas publicas e institutos philanthropicos, reforma dos estudos e guerras que occorreram no seu tempo, deixou, ao sahir do ministerio, quarenta e oito milhões de cruzados no erario real e trinta nos cofres das decimas, riqueza que jámais se tinha ajuntado desde a descoberta das minas.

O mais bello titulo de gloria do grande marquez é essa serie de projectos que ideou e realisou por todo o reino para inaugurar um systema completo de educação moral, religiosa e social, fazendo vir do estrangeiro os Vandelli, os Franzini, os Dullabellas, os Blascos e outros que collaboraram na regeneração do ensino, de modo que dentro em pouco o gosto das sciencias, letras e artes se diffundiu geralmente e sabios distinctos as illustraram com seus escriptos.

Mal desceu ao tumulo o rei que, por excepção, nunca lhe fôra ingrato, seguiu o marquez de Pombal caminho do exilio, onde se finou; mas a geração nacional que nasceu de sua obra foi a que, ensaiando-se na sombra como obreiro invisivel da civilisação, veio a fundar os gloriosos movimentos de 1820 em Portugal e de 1822 no Brazil.

Credor da eterna gratidão de dous povos, assiste-lhe indubitavel direito a alguma das provas de reconhecimento que soem dar-se aos benemeritos da patria.

Rio de Janeiro.

DR. JOSÉ MANOEL GARCIA.

O MARQUEZ DE POMBAL

E

OS ADVERSARIOS DAS REFORMAS

O homem, a quem a posteridade concedeu o epitheto de *Grande ministro* d'el-rei D. José I, deixou assignalada a sua passagem nas regiões do poder por muitas e importantes reformas, que elevaram Portugal ao nivel das nações mais cultas e respeitadas d'aquella idade. Porém, se esse ministro foi grande pela empreza gloriosa, a que metteu hombros, a grandeza do seu nome foi ainda maior pela lucta gigantesca em que se empenhou, e de que sahiu vencedor, para realisar aquellas reformas; pelo acerto e promptidão das providencias com que acudiu a Lisboa, prostrada por um horrivel cataclysmo, e pela rapidez com que a fez resurgir d'entre as ruinas, mais formosa do que outr'ora.

Chamado aos conselhos da corôa, logo que el-rei D. José empunhou o sceptro, Sebastião José de Carvalho e Mello encetou com passo firme, e seguiu ávante com animo resoluto, o caminho das reformas em todos os ramos da administração publica.

Foi uma verdadeira revolução social iniciada pelo governo; e que mais havia de ter, forçosamente, como teve, o seu complemento — a implantação da liberdade.

Essa revolução provocou a mais tenaz resistencia das classes e corporações que se sentiram feridas nos seus privilegios e regalias, ou no predominio a que estavam affeitas.

A nobreza foi a primeira a enristar a lança contra o ministro ousado. Oppoz-se desde logo franca e abertamente á torrente dos novos principios constitutivos, que dimanavam da corôa, tendentes á alforria do terceiro estado, e á consolidação da autoridade real. E, quando viu baldado o seu esforço, a parte da nobreza que mais facilmente se deixou arrastar pela violencia das paixões recorreu primeiro ás intrigas e machinações com o fim de desconceituar o ministro e de amedrontar o soberano, depois á conspiração contra a vida do rei.

Ao attentado mal succedido em a noite de 3 de setembro de 1758 seguiram-se, com curtos intervallos, a prisão, condemnação e execução do duque d'Aveiro, dos marquezes de Tavora e de outros fidalgos e populares, accusados de regicidio.

A opposição da nobreza ficou afogada no sangue d'aquellas miseras victimas. Mas outra se ergueu logo, ainda mais forte pelo vigor e tenacidade das intelligencias que a dirigiam, e pela efficacia dos meios d'acção de que dispunha.

Esse novo e mais potente adversario foi a Companhia de Jesus. Os filhos de Loyola, que souberam com arte e perseverança, no decurso de dous seculos, assenhorear-se, quasi geralmente, da educação da juventude, e assentar solidamente a sua influencia, por meio do confessionario, no seio das familias, incluindo a do proprio soberano; que para chegarem a este fim, luctaram com tenacidade, no principio com o povo, que instinctivamente os repellia; ao diante com a universidade de Coimbra, que os guerreava por causa da universidade d'Evora, por elles fundada; e depois com a inquisição, que tinha ciumes e se temia do seu crescente poder; os jesuitas, finalmente, que sahiram triumphantes d'essas luctas porfiosas, — antevendo com a sua subtil penetração, que o ministro arrojadissimo minaria pelos alicerces o poderio, e talvez a existencia da Companhia de Jesus, — trataram de o combater a todo o transe.

Arcando nas trevas com o colosso que os assoberbava, conseguiram pôr do seu lado dous auxiliares importantissimos: a rainha D. Maria Anna Victoria, esposa d'el-rei D. José e o infante D. Pedro, irmão do monarcha, e mais tarde rei, pelo seu consorcio com a herdeira da corôa.

Com taes adversarios parecia eclipsada a boa estrella do ministro, e certa a sua queda. Escureceu-se, não ha duvida, o horisonte politico, e não tardou a rebentar a tempestade, mas os seus raios sómente derrubaram a poderosa Companhia de Jesus.

Triumphára o marquez de Pombal do seu mais perigoso inimigo. Triumphára, não domando-lhe simplesmente a resistencia, como domára a da nobreza, mas sim aniquilando-o pela expulsão do reino e sequestro dos bens.

Não se julgue, porém, que esta victoria deu socego ao paiz e tranquillidade ao ministro, desaffrontando-lhe de tropeços o caminho das reformas.

Os gemidos dos justiçados no largo de Belem ainda echoavam pavorosamente no seio de centenares de familias, accendendo em todas odios implacaveis, e em muitas o desejo de vingarem o sangue dos parentes, ou dos amigos, ou dos amos, derramado com ignominia, e no meio de cruelissimos tratos, pela mão do carrasco.

A Companhia de Jesus, qual arvore gigantesca e frondosa, robustecida por um sólo fertil, e por bemfazejas auras no correr de seculos, agora derrubada pelo tufão da politica, deixára o reino alastrado das suas raizes, arraigadas nos peitos e nas consciencias, não só dos fidalgos, mas tambem dos populares. Não foram os unicos a lastimal-a os que tinham sido instruidos nos seus collegios, e que então occupavam cargos eminentes nos diversos ramos da administração publica; tambem deploravam a sua desapparição todos os que recebiam dos jesuitas direcção espiritual, ou conselho nas lides difficeis da vida, ou conforto e auxilio nos lances do infortunio. E não era pequeno o numero d'estes.

Ao abalo produzido em a nação por estas duas catastrophes, precedidas de perto pelos horrores do cataclysmo, que destruiu Lisboa no 1.º de novembro de 1755, acresceram ainda novos motivos de desgosto publico, por causa das dissensões do governo com a côrte de Roma.

Foi n'estas circumstancias gravissimas, que se levantou diante do ministro destemido um novo e mui temeroso inimigo, que até então presenceára, em calculada indifferença, os reptos da nobreza e da Companhia de Jesus com o poder real. Esse campeão novel contra as reformas e contra o reformador, era o tribunal do Santo Officio.

Confiado no terror, que a todos inspirava aquelle terrivel tribunal, e crendo que as suas immunidades de principe o punham a coberto das iras do ministro omnipotente, o inquisidor geral, D. José de Bragança, filho legitimado d'el-rei D. João V, d'accordo com todos os membros do Santo Officio, atacou de frente o governo, com desacato da autoridade régia.

Pois tambem d'esta vez ficou triumphante o marquez de Pombal. O inquisidor geral D. José de Bragança e seu irmão D. Antonio, a despeito das diligencias empregadas pela rainha e pelo infante D. Pedro para valerem a suas altezas, foram desterrados para o Bussaco, onde expiaram em rigorosa reclusão o arrojo de se atravessarem ante os passos do ministro reformador.

No meio de luctas tão contínuas e obstinadas, e ao embate de tão grandes e oppostos interesses, accenderam-se as paixões. Os odios e os desejos de vingança levaram a commetter excessos e violencias aos que sentiam referver-lhes no peito, com maior força, esses ruins sentimentos. O ministro, que provocára com as suas reformas a guerra tão obstinada, não podia eximir-se, como homem, ao influxo malefico das paixões incendidas. É innegavel, que a justiça algumas vezes se tornou cruel, assumindo em outras occasiões o caracter de vingança pessoal. Mas ainda assim, para avaliar com verdade e rectidão esses actos, que os seus adversarios lhe lançam em rosto, como nodoas que lhe mareiam a gloria, é necessario julgal-os em vista dos costumes, das idéas e da legislação d'essa época, e em face da opposição que os seus inimigos lhe moveram.

Se aquelles actos constituem côres escuras na biographia do ministro e no grande quadro historico, que denominamos reinado de D. José I, é certo, é indisputavel, que os claros, que illustram aquella biographia, e que illuminam este quadro, brilham e fulguram na historia de Portugal com todos os resplendores da gloria.

Ignacio de Vilhena Barbosa.

O marquez de Pombal não só foi um grande estadista, mas um dos mais notaveis homens do seculo XVIII. Restaurou a prosperidade da sua patria, grangeou-lhe o respeito e acrescentou-lhe a importancia, comprimindo as facções, favorecendo o commercio, desenvolvendo as industrias, segundo as idéas então em voga.

Se quinhoou e seguiu, como era inevitavel, alguns dos preconceitos economicos da sua época, muita vez se lhe adiantou em actos notabilissimos, que ficaram monumentos immorredouros da summa perspicacia e alcance do seu espirito.

Bastaria para lhe glorificar o nome o decreto chamado dos Indios.

Mau grado á perseguição tenaz e cega dos odios, sublevados em 27 annos de governo e de lucta, a posteridade presta honrada e honrosa homenagem á sua memoria, vingando-a de affrontas immerecidas — e elle merece a justiça da posteridade!

Paris, 6 de março de 1882.

Mendes Leal.

Os estadistas da escola do marquez de Pombal representam na historia as circumstancias attenuantes do despotismo. Com elles a tyrannia governa melhor. Sem elles a liberdade triumpha mais depressa. A mim, pessoalmente, como a tendencia do meu temperamento é para amar aquelles que admiro, taes homens repugnam-me, porque, por mais que os admire, nunca os posso amar.

RAMALHO ORTIGÃO.

O MARQUEZ DE POMBAL

Quem estudar, mesmo superficialmente que seja, a sociedade portugueza da primeira metade do seculo XVIII, fica assombrado diante da espantosa energia que seria precisa a um homem só, para luctar braço a braço com essa sociedade, corroida por todos os vicios do fanatismo e da ignorancia, e impellil-a n'um esforço herculeo para a vida da civilisação do seu tempo.

A administração intelligente e vigorosa do marquez de Pombal constitue na historia da vida portugueza um verdadeiro periodo revolucionario. Tudo se modificou, refundiu e transformou sob a mão robusta e nervosa d'aquelle plebeu nobilitado. Não houve um ramo de administração publica, impostos, colonias, exercito, instrucção, industrias, commercio, agricultura, que escapasse áquella prodigiosa actividade reformadora.

Reformou tudo; mas de toda essa admiravel série de reformas poucas sobreviveram ao homem extraordinario que as concebera e executára.

A enchente de fanatismo e de estupidez beata que alagava o paiz desde o reinado do *piedoso* D. João III, e a que o marquez de Pombal conseguira pôr um dique com a reforma do ensino e com a expulsão dos jesuitas, inundou de novo o paiz logo depois da morte de D. José I, que foi tambem a morte politica de Sebastião José de Carvalho. A fradaria crapulosa e bruta, contida em respeito pelo tagante vingador do implacavel ministro, cujo olhar terrivel e frio os fulminava de terror e que ousára mandar queimar em pleno Rocio um velho jesuita tonto com as vestes da ordem para as extinguir pela infamia, desarmado esse braço e apagado esse glorioso olhar, grunhiu de contentamento bestial e espalhou-se de novo ás soltas por todo o paiz como uma enorme manada de cerdos esfomeados!

Então nada escapou á desforra da estupidez opprimida por quasi trinta annos d'um governo intelligente e severo! E da grande obra do marquez restou apenas o que a voracidade fradesca não pôde roer ou digerir.

É que as revoluções, para serem fecundas e duradouras, precisam de ser subterraneas como os terremotos. As revoluções que vem do alto podem revolver a terra, mas não fecundam o sólo. Revolução é synonymo de creação, e o poder é impotente para crear; apenas póde educar. Só a grande alma do povo tem em si, como o mar, de que é a imagem na ordem intellectual, o segredo mysterioso da vida.

É isto que torna perfeitamente pueril e esteril a velha theoria dos grandes homens. Os grandes homens são apenas os representantes d'uma grande opinião, os interpretes d'uma idéa fecunda e luminosa, d'estas que agitam de quando em quando a consciencia humana na gestação dolorosa do progresso.

Assim toda a obra reformadora do marquez de Pombal, porque lhe faltou o apoio da consciencia popular, explorada, corrompida e bestialisada por duzentos annos d'um despotismo inepto e servilmente curvado ante a ferula theologica do catholicismo romano, veio ao chão e desfez-se em destroços, logo que a morte gelou o braço robusto que as amparava.

Quer isto dizer que foram inteiramente estereis os esforços do marquez de Pombal em prol da regeneração economica e da emancipação intellectual do seu paiz?

Não quer. Ha uma acção governativa que deixa sempre profundos vestigios na consciencia dos povos sobre que ella se exerce, é a acção educadora da instrucção positiva ou scientifica e da iniciação civilisadora pelo fomento industrial; e essa exerceu-a Sebastião José de Carvalho com uma energia, com uma dedicação e com uma persistencia, que constituem o seu melhor e mais glorioso titulo ao reconhecimento dos seus compatriotas.

Mas bastaria aquella guerra de gigantes que elle sustentou a peito descoberto contra a Companhia de Jesus, prohibindo-lhe o ensino e toda a interferencia nos negocios do Estado até a expulsar do reino e seus dominios em 1759, concorrendo poderosamente para ella ser extincta em 1773 pelo Papa Clemente XIV, para dar jus ao marquez de Pombal a ter o seu nome inscripto no livro d'ouro da civilisação europeia.

Expulsando os jesuitas e insurgindo-se energicamente contra a insupportavel insolencia pontificia, expulsando um anno depois o nuncio em Lisboa, o marquez de Pombal assentou definitivamente as bases da nossa emancipação intellectual, tornando possivel a larga acção reformadora de Mousinho da Silveira e a extincção das ordens religiosas pelo decreto de 28 de maio de 1834.

É esta acção revolucionaria no ensino, este largo impulso dado á emancipação do espirito nacional, anesthesiado por todos os philtros do fanatismo, que indulta o grande marquez de todos os seus erros como estadista e de todas as suas violencias como politico, e que o torna gloriosamente odiado pela raça inextinguivel dos fanaticos, de que foi o heroico flagello pelo espaço, infelizmente bem curto, de vinte e sete annos.

Figueira da Foz.

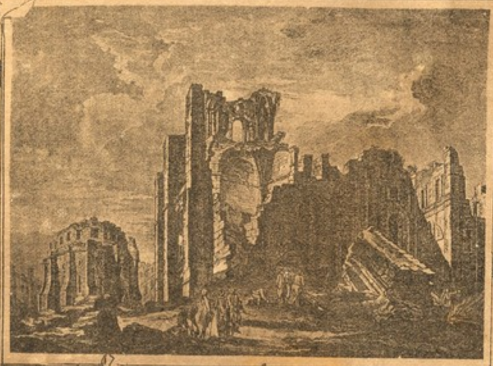
ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.



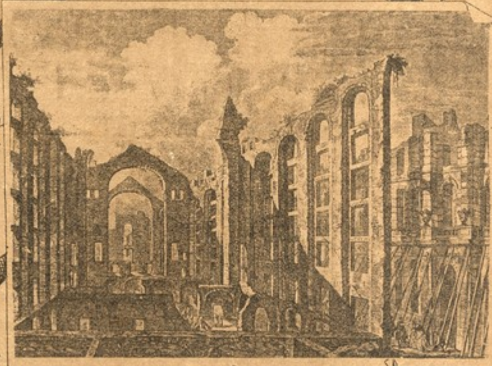
Torre de S. Roque, chamada vulgarmente—
Torre do Patriarcha



Igreja de S. Paulo



Basilica de Santa Maria



Casa da Opera



Igreja de S. Nicolau



Praça da Patriarchal

Phot.-Lith.-Emilio Biel & Cª
Porto



LITH. PORTUGUEZA A VAPOR DE S. SANHUDO & IRMÃO — RUA DO LARANJAL, 116 - PORTO.

O MARQUEZ DE POMBAL PLANEIA A REEDIFICAÇÃO DE LISBOA

(CÓPIA D'UM QUADRO ESBOÇADO POR LUPI)

Personagens representados no quadro: Marquez de Pombal; Manuel da Maia, engenheiro-mór; Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, negociante; El-Rei D. José (busto); Marquez d'Alegrete, presidente do Senado de Lisboa; e Duque de Lafões, regedor das justiças.

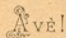
OS DETRACTORES DE POMBAL

Parecia-nos que depois de cem annos decorridos por sobre o frio marmore de sua sepultura, não passasse sequer o menor echo d'um vozear de odios mesquinhos e ruins paixões; parecia-nos até, que o adiantado da civilisação e que as novas idéas claras e definidas tivessem arrancado em todos os homens d'hoje os prejuizos que avultavam em outros tempos em uma sociedade caduca, que de todo se esboroou, quando a liberdade triumphante illuminou com a sua luz a todas as nações. No entanto, ainda hoje ha quem julgue injusta a veneração de respeito, que se pretende votar ao marquez de Pombal!

Mas quem protesta contra o centenario do illustre homem d'estado? Os idolos do beaterio, e os admiradores dos filhos de Santo Ignacio!

Lisboa, março de 82.

Soares Romeo Junior.



Na indolencia fatal do fanatismo
jazia a patria amada de Camões,
e com Autos-de-fé e procissões
sepultava um passado de heroismo.

Reinava o mais abjecto sensualismo;
os jesuitas e o rei, entre orações,
torturavam o povo nas prisões
do Santo Officio, horror do Christianismo!

Já nem havia esp'rança de resgate;
resignára-se ao triste desbarate
o glorioso, o altivo Portugal!

Mas um vulto surgiu que, de improviso,
transformou este inferno em paraiso.
Eterna gloria ao nome de Pombal!

Adelina Vieira.

A CASA EM QUE FALLECEU O MARQUEZ DE POMBAL

Quem pela primeira vez visita a villa de Pombal e depara com a casa que serviu de domicilio por espaço de cinco annos ao soberano ministro de D. José I, depois que a morte d'este monarcha o fez decahir do seu pedestal de grandeza, forçosamente fica contrariado na sua espectativa. E não é porque as alterações subsequentes lhe tenham roubado o caracter primitivo: parte das janellas e da disposição exterior conserva a apparencia antiga, e bem mostra que esta habitação nunca foi mais que mediocre para um homem abastado.

Contam que, sendo propriedade do conde de Castello Melhor, este se não prestou a cedel-a aos desejos do marquez; Pombal não insistiu e fez edificar a cadéa da villa em posição que lhe obstruisse a frente. Mais tarde obteve-a, e com certeza a manteve no estado em que a encontrou, absorvido, como andava, nos cuidados da sua desgraça.

A casa, sufficientemente extensa, está hoje fraccionada e em poder de diversos particulares. Em parte d'ella, porém, o que de mais notavel se offerece á nossa curiosidade é o aposento em que, é tradição constante, o marquez de Pombal morreu. E uma quadra acanhadissima com uma só janella gradeada. Em outro tempo não poderia ter sido maior porque as paredes divisorias são talvez as antigas; e, sendo assim, póde com probabilidade apontar-se qual seria a posição do leito. A segura e apertada grade de ferro que defende a janella, exprimindo uma medida de prudencia, é um testemunho valioso em garantia da tradição.

As vindictas dos presos d'Estado, postos em liberdade logo que a herdeira de D. José subiu ao throno; a reacção muito natural que se erguia contra a oppressão passada, no momento em que se abriam os fortes das Maias e da Junqueira; a exaltação popular contra o marquez, assoprada pelas instigações clericaes, que mostravam compassivamente todos os indultados como as victimas impollutas do despotismo e da iniquidade do valido preponderante, tornavam esta precaução indispensavel.

Já quando o marquez, depois de receber a exoneração formal do seu cargo, viera de Lisboa para Pombal, se julgou necessario que uma força militar o acompanhasse para o proteger das iras populares.

Entrando na estreita camara, uma evocação intuitiva nos representa aos olhos do espirito as lastimosas peripecias que ahi tiveram lugar!

N'aquella alcova foram pela primeira vez recebidos pelo marquez enfermo e alquebrado os dous emissarios encarregados do questionario, destinado a esclarecer o processo juridico que lhe moveram os seus adversarios, accusando-o de toda a ordem de delictos e, mais que tudo, dos crimes de peculato que á sombra da autoridade regia exercèra.

A dous dos seus mais encarniçados inimigos tinham confiado esta missão, que elles desempenharam como um pretexto para represalias pessoaes. Na sala proxima, quasi durante sete mezes consecutivos, o dictador altivo e omnipotente do reinado anterior foi apertado n'um interrogatorio cavilloso, em que, acobertados com as exigencias d'um processo criminal, os dous adversarios cevaram n'elle a sanha dos seus odios.

Foi alli na sala contigua a esta camara que aquelle homem imperturbavel, que na decadencia, como em todos os lances difficeis da sua vida, mostrou sempre a firmeza de que era feita a sua grande alma; aquelle homem, que depois do passamento do rei, no meio dos clamores e da reprovação geral, simplesmente para revolver em espinhos os que lhe eram adversos, continuou inalteravel, frequentando os regios paços, sem querer abdicar as suas funcções de secretario d'Estado, affrontando desdenhosamente as satyras e as vaias dos cortezãos que o detestavam, e até dos proprios que pouco antes roçavam na sua presença a face pelo chão:—foi ahi n'essa sala, dizemos, que o marquez na ultima sessão do seu interrogatorio se deixou vergar ao peso da sua adversidade, cahindo de toda a altura da sua individualidade até á humilhação de implorar com supplicas chorosas a clemencia e a compaixão da rainha, para que lhe valesse na afflictiva posição em que se achava!

É desoladora esta scena, em que um grande homem desmente um passado de corajosa altivez com um acto de pusillanimidade!

Alli inutilmente tinha cogitado e escripto com todo o fel e vehemencia das offensas que recebera os extensos e energicos libellos, com que atacou a nova administração, sob a fórma de contrariedade, que oppunha aos processos judiciaes que o assaltavam.

Finalmente, abatido pelos continuos desgostos e pelos padecimentos de lepra que lhe dilaceravam o corpo, foi alli que elle recebeu o mais profundo golpe—o decreto que o declarava *réo e merecedor de exemplar castigo*.

O doloroso abalo, que produziu no seu espirito pundonoroso e rispido esta ultima affronta, mal poderia ser suavisado pelos carinhos da esposa e das filhas, *que eram inseparaveis do seu leito*, como elle mesmo o diz.

Pouco mais de oito mezes sobreviveu: n'uma quarta-feira, 8 de maio de 1782, pelas seis horas e meia da tarde, entre aquellas quatro paredes que poucos passos deixam mediar, exhalou o ultimo suspiro o omnipotente ministro, cujo nome echoava em todo o reino com o terrivel prestigio da sua justiça politica,—o maior vulto portuguez dos tempos modernos, o estadista enorme que com o impulso da sua vontade sustou o ruinoso abatimento da nação e inaugurou uma nova época de civilisadora reorganisação e progresso!

O cadaver foi embalsamado e deposto na igreja de Santo Antonio, hoje conhecida pela denominação da Senhora do Cardal.

As honras funebres, ás quaes assistiu o bispo da diocese D. Francisco de Lemos, que se conservou fiel á gratidão que lhe devia por o haver elevado ás suas dignidades, foram celebradas com grandissimo concurso de povo e muita clerezia, e o elogio commemorativo, que passa por um modêlo do genero, recitado por fr. Joaquim de Santa Clara.

Ainda os seus inimigos não descançaram, e da pompa funeraria extrahiram novo pasto á sua vingança: o ministerio dirigiu censuras ao bispo de Coimbra, e mandou o monge benedictino desterrado para o mosteiro de Tibães!

Em 1856, no dia 16 de junho, foram os despojos mortaes transportados para Lisboa, onde se encontram hoje. O esquife, onde estiveram abrigados por setenta e quatro annos, ainda se mostra em Pombal: é amplo e mede de comprimento um metro e oitenta e oito centimetros.

Coimbra, março de 1882.

A. A. Gonçalves.

As minhas actuaes occupações não me permittem acceder ao honroso convite do Club de Regatas Guanabarense de collaborar para o jornal commemorativo do centenario do marquez de Pombal. Se eu tivesse tempo para escrever alguma cousa, desenvolveria as idéas contidas no seguinte trecho d'um livro que acabo de publicar com o nome de *Questões de politica positiva:*

«Portugal teve o seu Pombal, como a Hespanha o seu Carlos III, como a Austria o seu imperador José II, como a Toscana o seu grand-duque Leopoldo. Estes notaveis estadistas não poderam luctar efficazmente contra a corrente que trazia o impulso de dous seculos. Mortos elles, as cousas continuaram a tomar o antigo caminho, até que o vento das idéas modernas, originado nas tempestades da revolução franceza, e meio seculo de luctas transformaram a Europa». Pag. 94.

Lisboa, 6 de março de 1882.

A. de Serpa.

São tão multiplices e variadas as feições d'este grande genio, o marquez de Pombal, na resolução de tão graves e profundos problemas sociaes e politicos andou elle envolvido, que hoje, quando o queremos encarar á luz do nosso tempo, ao enxergarmos-lhe alguma macula e defeitos na sua prodigiosa obra reconstructora, não podemos deixar de lhe reconhecer os altos predicados d'um homem que foi eminente na sua época, e que é e será grande e um dos maiores entre os maiores vultos da historia. Outro qualquer, a não ter os largos hombros d'este valente athleta, succumbiria vencido na sua tremenda batalha contra o fanatismo e a inquisição, ou em meio d'estas porfiadas luctas deixaria de voltar os seus cuidados para os negocios que mais interessassem o paiz.

Assim não procedeu o marquez de Pombal; em quanto os seus implacaveis adversarios o julgaram embebido nas peripecias d'esse terrivel e perigoso combate, elle, rodeado dos homens da sua confiança—que infelizmente não são tão conhecidos como deveriam sêl-o—consultando-os, ouvindo-lhes os conselhos e attendendo ás suas objecções, tratava de remodelar e reconstruir a sociedade do seu tempo, rasgando com a sua mão vigorosa o Indice, proscrevendo o methodo jesuitico do ensino, dando impulso á instrucção, incitando o commercio, animando a navegação, creando fabricas e industrias, disciplinando o exercito, e colonisando o Brazil.

Esse homem, a quem injustamente Voltaire chamava um tyrannete, que, na rude linguagem do povo, tinha pêllos no coração, que não trepidava em fazer espadanar sangue para ter a alegria de vêr vingar as suas idéas, teve momentos na sua vida, em que sobreexcedeu em estatura os mais eminentes homens do seu tempo. As leis de 1761 e 1773, em que se declaram livres os negros que desembarquem no continente, e os filhos de mãi escrava, no reino, só ellas bastam para dulcificarem o terrivel aspecto da lendaria figura do marquez, e para o collocarem a par dos grandes bemfeitores da Humanidade.

Por isso, quando ouço alguns intransigentes reaccionarios combaterem os actos d'este homem, e condemnarem a sua vida, e a sua politica, e o seu feroz despotismo, eu, evocando aquellas leis humanitarias, fico pensando no sagrado minuto em que elle foi bom, generoso e humano, e bemdigo enternecidamente a sua memoria.

Lisboa, março de 1882.

Gonçalves Crespo.

O MARQUEZ DE POMBAL

Sobre o pedestal de tua gloria grave-se uma unica palavra — Patria.

E n'esta resume-se a tua brilhante apotheose.

França Junior.

A acção de Pombal

O marquez de Pombal combatendo o poder da aristocracia e do clericalismo que mantinham na immobilidade o regimen catholico-feudal, favorecia a consciencia e nobilitava a plebe: annullando a realeza hereditaria pela imposição do poder superior do ministerio, annunciava o advento das instituições liberaes, que hão de ceder perante a verdadeira soberania popular, livre de sophismas.

N'este momento em que os jesuitas ainda pretendem subjugar os reis, os estadistas, as consciencias, estendendo-se pelo orbe como verdadeiros abutres da humanidade, a celebração do centenario de Pombal, esse genio reformador do seculo passado, é uma affirmação eloquente de dous povos que aspiram á sua completa liberdade e á civilisação mais perfeita.

Por isso fervorosos crentes, os amantes do catholicismo, sentem ainda, a cem annos de distancia, um immenso terror com a recordação d'aquelle homem d'uma organisação de ferro, e cujo vulto pretendem vêr durante os seus agitados sonhos mysticos, como uma d'essas horriveis figuras da tragedia shakespeariana.

A acção do famoso ministro de D. José I estendeu-se até nós. É, pois, á grande familia liberal que cumpre abrilhantar esta festa civica, que ficará na historia assignalada como um dos seus factos mais notaveis.

Lisboa.

Reis Damaso.

Pombal no exilio morre.
Ninguem o Nero chora.
Após um anno passa um outro anno,
um seculo decorre;
vem a justiça, e diz:—*julgai-o agora*.—
E nós—posteridade—
clamamos n'uma voz:—«Salvè, tyranno!
Da nossa liberdade;
tu, n'um raio dos teus, douraste a aurora!»

Lisboa, fevereiro, 1882.

F. Palha.

O MARQUEZ DE POMBAL E O ENSINO PUBLICO

De todas as reformas iniciadas ou levadas a cabo pela poderosa e fecunda iniciativa de Sebastião José de Carvalho e Mello, uma existe que a todas sobreleva — a secularisação do ensino. Da expulsão dos jesuitas, doutrinadores seculares de Portugal desde o meio do seculo de quinhentos, foi a reforma do ensino uma consequencia legitima e fatal. Mas quem substituiria em doutrinamento e luzes, em methodo e em sciencia, os conspicuos educadores da mocidade plebêa, de principes e patricios, n'um relance apeados das cadeiras magistraes e dos pulpitos, ao compasso que uma intolerancia de ferro os expulsava dos regios confessionarios e das cellas dos seus collegios? A cabeça fria do estadista e o braço possante do revolucionario responderam sem demora á interrogação dos timidos. O mesmo genio que, das ruinas d'uma cidade condemnada e maldita como Jerusalem, fizera resurgir, como que maravilhosamente, as correctas, pautadas e monotonas construcções da Lisboa nova, esse mesmo, cavando bem fundo a separação entre a sociedade antiga clerical e privilegiada, galante e devota, e a sociedade moderna burgueza e utilitaria, pensadora e pratica, realisou em Portugal, que elle reconstruiu desde os fundamentos, essa vasta revolução pedagogica e philosophica que a França mal pôde levar a cabo um seculo depois, já em nossos dias, á custa de sacrificios e reclamações dolorosas.

Esta prioridade em arrancar á ferula jesuitica a educação da mocidade é um dos nossos mais bellos titulos, e por ventura o mais virente florão da corôa do marquez de Pombal.

Como quem adivinhava ha cem annos o principio que um seculo depois Julio Simon havia de traduzir na conhecida lei — «A felicidade dos povos está na razão directa do grau da sua instrucção» — o marquez de Pombal que teve por contemporaneos Kant e Voltaire, Diderot e D'Alembert, que fôra como os philosophos francezes educado pelos jesuitas e com elles encarnára a philosophia naturalista do seculo XVIII, comprehendeu desde logo ao regressar das suas viagens ao estrangeiro, que as unicas reformas viaveis hão de começar pela educação e pelos costumes, e por isso consagrou os seus mais decididos cuidados a refundir o ensino, arrancando-o á tutela de quem o esterilisava em subtilezas galantes, mas vazias, democratisando-o pela diffusão, creando a escola primaria, nobilitando os professores, que denominou *mestres regios*, estabelecendo inspecções, dotando o professorado com o subsidio litterario, lançando as bases do ensino profissional, e instituindo na universidade, no collegio dos nobres e nos lyceus os methodos experimentaes.

Para este effeito, e porque escasseavam no paiz pessoas que professassem com proveito as novas sciencias, importou do estrangeiro professores competentes, como foram Cecchi, Franzini, Vandelli, Gould e Birmingham, para ensinarem ao lado dos sabios Monteiro da Rocha e José Anastacio da Cunha. Os collegios jesuiticos, nomeadamente os de S. Roque, Santo Antão e Arroyos, tiveram novas applicações; a escola primaria diffundiu-se pelos centros locaes de alguma importancia, estabeleceram-se em todas as villas cadeiras de latim e portuguez; organisaram-se lyceus para o ensino do grego, da eloquencia e da philosophia; e os estudos superiores fecundados pela alta sciencia e provada competencia dos novos mestres e pelo movimento favoravel que subia das congregações oratorianas, rivaes da Companhia, attingiram o alto nivel a que haviam chegado nos paizes mais bem providos de cultura litteraria.

A reforma do ensino realisada pelo marquez é de tão capital importancia e foi levada a cabo em tão angustiosas condições, que só ella, pelo arrojo dispendido e pelos fructos que produziu, bastaria para absolver o ministro de D. José dos erros e ferocidades que o seu temperamento o levou a praticar.

Mas pede a justiça que a apotheose não avolume tanto a estatura moral do notavel reformador, que á sua sombra e ao sopé do colosso pareçam pygmeus os benemeritos que com elle collaboraram na agigantada empreza. Ao lado do marquez ficam nobremente, e a boa luz, os vultos sympathicos do franciscano Cenaculo, do oratoriano Francisco José Freire, dos altos dignitarios D. Francisco de Lemos e D. Thomaz de Almeida, que sabiamente sobreintenderam na questão do ensino, e dos iniciadores do movimento philosophico d'onde sahiu o plano do marquez: Luiz Antonio Verney, Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Francisco Xavier de Oliveira e Alexandre de Gusmão.

Das reiteradas instancias do frade barbadinho sahiu a creação da *Junta da providencia litteraria* (23 de dezembro de 1770), assim como do seu *Verdadeiro methodo de estudar*, escripto de Roma em fórma epistolar, sahiram os fundamentos das providencias legislativas sobre o ensino e as bases do famoso libello que se chama *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra*. A creação do collegio dos nobres é um resultado dos conselhos do medico Sanches, que trinta e seis annos viveu em Paris, d'onde se carteava com o marquez, suggerindo-lhe o plano geral da educação da mocidade portugueza. O cavalleiro de Oliveira encontrára em Londres em 1744 o futuro marquez de Pombal, e alli lhe manifestaria o odio profundo que votava aos jesuitas e ao Santo Officio. As suas obras de livre pensador á moda de Voltaire, lidas em Portugal e circulando por toda a parte, prepararam o espirito dos homens proeminentes que ao depois foram chamados a entender no ensino e a dirigil-o pelos novos moldes. Igual serviço deve o paiz ao eminente Alexandre de Gusmão, antigo secretario de D. João V, habil diplomata como Antonio Vieira, espirito disciplinado na escola da vida, nas viagens e nos livros, observador, zombeteiro e caustico como Rabellais. Foi este quem preparou pela demolição o terreno onde o sabio e audacissimo ministro ergueria o novo e sumptuoso edificio da educação popular. Sem os esforços combinados d'estes luctadores incansaveis o marquez não venceria a batalha.

Vizeu, março de 1882.

J. Simões Dias.

O MARQUEZ DE POMBAL

(1882)

No firmamento da historia refulge esse astro que teve por satellite um rei.

G. Bellegarde.

O Centenario do Marquez de Pombal

Afigura-se-me que este centenario deverá ter para nós outros, os portuguezes, uma altissima significação moral e politica.

Em primeiro lugar o marquez de Pombal era dotado de uma vontade de ferro. Superior ao rei, a quem dominava, o seu querer soberano impunha-se ao paiz por uma fórma violenta e incontestada.

Larga e por demais fecunda foi a sua iniciativa. A Inglaterra, a egoista Inglaterra, reconheceu-lhe o braço potente e, diante do seu vulto magestoso e arrogante, curvou-se humilhada e apparentemente contrita. O jesuita astuto, encontrando n'elle um inimigo poderoso, retirou em debandada. A instrucção publica recebeu do seu immenso poder indiscutivel um impulso gigante. O systema tributario foi modelado em novas bases. Em todos os ramos da administração publica, n'uma palavra, deixou este homem extraordinario as provas mais evidentes e irrefutaveis do seu genio, eminentemente patriotico e reformador.

Lisboa, março 1882.

S. de Magalhães Lima.

Sebastião José de Carvalho estabeleceu systematica e calculadamente o absolutismo em Portugal; impôz os mais vexatorios monopolios ao commercio e á agricultura; serviu-se da Inquisição para fazer queimar o estonteado do Malagrida; foi sem dó para com os Tavoras, e fez-se conde e marquez: mas lavou todas estas manchas — de que não estão isentos nenhuns dos homens politicos da sua estatura — com uma serie de medidas, cada uma das quaes de per si só bastaria para dar nome a qualquer estadista já notavel.

Reformou a administração economica e financeira;

Fortificou o paiz e organisou o exercito;

Reconstruiu Lisboa;

Reformou os estudos universitarios, e derramou a instrucção pelas classes infimas;

Cortou as relações com a côrte de Roma, e não recebeu o santo e a senha do snr. de Voltaire;

Declarou iguaes perante a lei tanto os filhos das colonias como os da metropole;

Decretou que fossem livres os escravos que desembarcassem em Portugal;

E, como se tudo isto não bastasse para seu renome e gloria, praticou o maior acto de energia dos tempos modernos:

Expulsou os jesuitas

Paris, 2 de março de 1882.

Lino d'Assumpção.

FRAGMENTO

. . . .

Quanto mais leio e medito a historia do passado, mais me ufano de haver nascido n'este seculo!

Todos os grandes feitos da humanidade — até os nossos dias, tiveram, mais ou menos, o scenario funebre das crueldades!

No azul rutilante dos dias mais prosperos de todas as civilisações, o espirito da época punha, como condição fatal, a nodoa carregada e sanguinea!

D'entre os maiores homens de todos os tempos raro seria aquelle que não praticasse, a par de grandes feitos, grandes atrocidades.

O marquez de Pombal foi um grande homem; mas á sua voz e á sua vontade — quantas victimas gemeram cruciantes agonias no ergastulo, no potro, nas aspas, no fogo?

Era o capricho, — era o prazer ferino d'uma alma de tyranno?

Não! Era uma necessidado do tempo.

Se o marquez de Pombal existisse hoje, seria incontestavelmente o primeiro homem de estado da Europa, e os que houvessem de lhe escrever a historia não teriam de lhe macular as paginas brilhantes com a chapada negra do pavoroso morticinio dos Tavoras!

Bem haja este seculo! que paga nos seus centenarios as dividas de gratidão que lhe legou o passado!

Bem haja este seculo! que, no concerto da civilisação moderna, a par de tudo e acima de tudo, forceja por que predomine sempre a nota humana!

Março 7, 1882.

Bulhão Pato.

O reformador do exercito, da marinha e da fazenda; o grande ministro que estancou a fonte da escravidão africana e restituiu á liberdade o indio americano; o legislador que emancipou a consciencia do cidadão, secularisando a lei civil e o ensino publico; o homem de bronze que feriu o privilegio até no altar e nos paços reaes; o glorioso estadista e sinistro revolucionario, semi-deus e verdugo, que d'um beaterio fez uma nação: — teve como recompensa um decreto em que D. Maria I houve por bem, attendendo aos annos e enfermidades do alquebrado marquez de Pombal, perdoar-lhe as culpas em que incorrera.

Bem podia o leão moribundo, como Strafford sacrificado por Carlos I, exclamar: Ninguem confie dos principes, nem d'elles espere salvação.

Rio de Janeiro.

Ubaldino do Amaral.

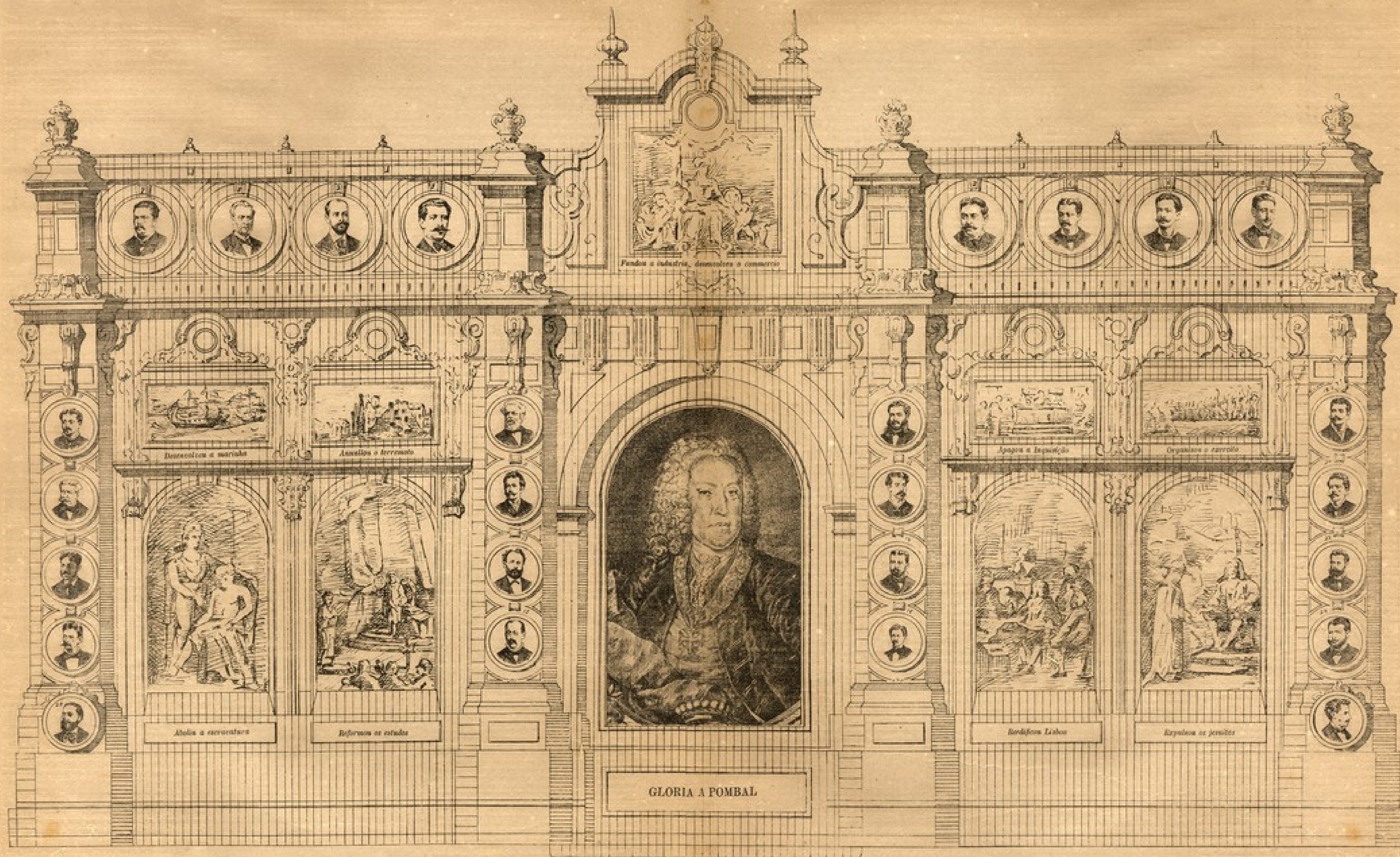
O MARQUEZ DE POMBAL
E
AS THEORIAS POLITICAS DO SECULO XVIII

A unificação politica da Europa sob a acção absorvente da Roma imperial, produzindo a extincção das liberdades locaes do municipalismo, foi durante toda a idade média o pensamento exclusivo de dous novos poderes que procuravam restaurar a tradição do imperio. A Igreja estabelecia a theocracia em Gregorio VII e Innocencio III, e pela adopção do latim como lingua da liturgia, e a propria Roma ligada ao dominio espiritual como séde do papado, tudo conduzia á ambição de submetter a Europa á unidade catholica, confundindo o poder temporal no primado pontificio. As monarchias tornando-se hereditarias e dynasticas, alargaram-se pelo regimen da conquista, e visaram tambem a restaurarem o imperio universal, submettendo a Europa á unificação politica, e cerceando as pretensões temporaes da Igreja. A historia da idade média consiste no conflicto permanente entre o sacerdocio e o imperio, entre as immunidades e o regalismo; ainda depois do extraordinario desenvolvimento da casa de Austria, e do predominio na Europa depois da paz de Westphalia d'uma diplomacia independente das intrigas clericaes, ainda no seculo XVIII, se dava esse violento conflicto entre as monarchias e o ultramontanismo. Voltaire foi um dos mais ardentes propugnadores do regalismo, proclamando a independencia dos reis da subserviencia dos padres. No meio d'estes interesses dos dous partidos, appareceu Rousseau proclamando a igualdade humana e a liberdade politica; veio completar a obra dos encyclopedistas, provocando a explosão revolucionaria que determinou a ruina do mundo catholico feudal. Voltaire e Rousseau representam estas duas faces das theorias politicas do seculo XVIII; a independencia do poder monarchico foi reconhecida por todos os grandes ministros, pondo essa doutrina em pratica nas suas profundas reformas governativas. Mas a doutrina da igualdade humana como base da liberdade politica, essa foi abafada pelos poderes publicos, e onde quer que ella irrompeu foi sempre com a violencia da revolução. As duas doutrinas penetraram em Portugal em épocas diversas. A separação dos interesses das monarchias dos enredados sophismas da Igreja, era o trabalho de Voltaire, por onde começa indirectamente a emancipação do poder civil; os jurisconsultos tornam-se *regalistas*, e os reis fazem-se philosophos, como Frederico II e José II. Nós tivemos as consequencias d'este facto em Portugal; sem as doutrinas de Voltaire, o marquez de Pombal não se atreveria a emprehender a demolição do poder clerical e a estabelecer a supremacia do fôro civil, impondo a independencia absoluta da realeza. O principe D. José, que segundo Pombal, devia preterir no throno sua mãi D. Maria I, morreu prematuramente, envenenado pela cabula clerical; pelas suas intimas relações com José II, e pelo conhecimento das doutrinas economicas, estava destinado a ser em Portugal o rei-philosopho. Assim, pela sua morte, Pombal não teve o seu continuador, e o obscurantismo triumphante sob a demencia de D. Maria I e sob a imbecilidade de D. João VI, isolou-nos do movimento europeu, até ao anno de 1820, em cuja revolução preponderou o espirito de Rousseau.

Voltaire luctára para demonstrar a existencia d'um unico poder; o marquez de Pombal pôz em obra este pensamento, destruindo os jesuitas, abatendo a nobreza que se tornára instrumento das intrigas da Companhia, e tornando a realeza d'uma independencia absoluta, phase indispensavel para a reivindicação da independencia civil. Os grandes ministros, como d'Argenson, Turgot, Choiseul, Aranda e Pombal, pertencem a essa escola da Encyclopedia, como sectarios da economia politica, e baseavam as suas reformas sobre a critica e conhecimento historico do passado. Servindo com sinceridade os seus reis, e empregando os meios adequados á época, na sua acção transitoria simplificaram o advento da independencia do estado civil e da soberania nacional, a que os proprios reis tem de ser sacrificados.

Lisboa, março de 1882.

Theophilo Braga.



Nomes dos membros da Grande Commissão executiva do 1.º Centenario do Marquez de Pombal: 1.º—Barão de Rio Bonito, presidente; 2.º—Visconde de Sistéllo, 1.º vice-presidente; 3.º—Commendador Frederico Gustavo d'Oliveira Roxo, 2.º vice-presidente; 4.º—Dr. Antonio Zeferino Candido, 1.º secretario; 5.º—Visconde d'Arcozello, thesoureiro; 6.º—Commendador Antonio Thomaz Quartin, dito; 7.º—Dr. Hermogeneo Pereira da Silva; 8.º—Dr. Carlos A. de Miranda Jordão; 9.º—Dr. Thomaz Alves Junior; 10.º—Commendador Antonio José Ricoes; 11.º—A. Pinto da Silva; 12.º—Leopoldo Miguez; 13.º—Francisco José Corrêa Quintella; 14.º—Ernesto W. Teixeira de Castro; 15.º—Eduardo José d'Almeida e Silva; 16.º—José de Miranda Monteiro de Barros; 17.º—Alfredo Ignacio d'Abreu Soares; 18.º—Bernardo José d'Andrade; 19.º—Antonio José Marques d'Abreu Junior; 20.º—A. J. Xavier de Faria; 21.º—João Luiz Tavares Guerra; 22.º—Eugenio José d'Almeida e Silva; 23.º—João Francisco Froes da Cruz; 24.º—Joaquim Henriques da Costa Reis; 25.º—Antonio Pollo.

O marquez de Pombal

O marquez de Pombal, como todos os homens verdadeiramente grandes, era a expressão mais completa e mais perfeita do seu tempo. As suas qualidades e os seus defeitos foram as qualidades e os defeitos da sua época. A sua concepção do Estado foi depois a concepção revolucionaria. O *Contracto social*, que veio a ser o Evangelho da Revolução, presentiu-o o marquez de Pombal. A unica differença foi que o marquez, ministro despotico d'um rei de direito divino, deu ao Estado uma fórma palpavel e tangivel, consubstanciou-o no vulto magestatico do rei; mas essa idéa absorvente do Estado foi a idéa dominante do marquez de Pombal, como foi depois tambem a idéa dominante da Revolução, como fôra a idéa querida de Rousseau. A igualdade foi o seu dogma, por isso equiparou os christãos-novos aos christãos-velhos em Portugal, os gentios aos portuguezes na India, os indios aos brancos no Brazil, por isso deu a liberdade aos escravos que puzessem o pé no terreno da metropole. O Estado, segundo a doutrina do marquez de Pombal, determinava as culturas, creava as industrias, arregimentava o commercio, fazia os arruamentos nas cidades e os arruamentos na organisação financeira e economica, dava a estes o commercio do Pará e do Maranhão, áquelles o de Pernambuco e de Parahyba, a outros o dos vinhos do Douro, como agrupava os ourives n'uma rua, e os correeiros n'outra, e os algibebes em terceira. A educação quem a dá é o Estado, como no *Emilio* de Rousseau. Os livros que se hão de lêr quem os censura é o Estado e mais ninguem. E, admittida esta doutrina, que é a doutrina da Revolução franceza, e reconhecidos os seus muitos inconvenientes, é admiravel vêr o modo como elle desempenha essa enorme tarefa de reformador, sobre quem pesam todas as responsabilidades: como elle secularisa a sociedade portugueza expulsando brutalmente os jesuitas, perseguindo-os até ao estrangeiro, até Roma, arrancando-os energicamente do sólo; como elle organisa a instrucção racional, creando a instrucção primaria, lançando as bases da secundaria, abrindo de subito a instrucção superior á immensa luz da sciencia do seu tempo; como elle monta magnificamente a industria, dando-lhe um desenvolvimento a que nunca mais attingiu; como elle chegou mais a crear uma Igreja nacional, uma Igreja lusitana, de facto independente de Roma durante os annos de interrupção de relações com a curia; como elle passa por todas as cabeças que se erguem acima do nivel a sua vara ferrea de Tarquinio, como elle resuscita uma cidade, como elle resuscita um paiz, segundo um plano certo, segundo um systema, segundo um methodo rigoroso, como fez depois a Revolução, creando tambem uma França completamente nova, mas una e indivisivel, submettida a um jugo de ferro. A Revolução não foi a liberdade, a Revolução foi a dictadura reformadora, como o foi o marquez de Pombal, essa convenção consubstanciada n'um homem, curvo sempre diante do rei — a concretação do Estado, como a Convenção se curvava depois diante d'essa mesma idéa abstracta, enunciada com um vigor extraordinario por esse propheta, esse vidente da Revolução que se chamou Jean-Jacques Rousseau.

É como elle é tudo, como é elle quem reforma, quem organisa, quem pensa por todos, não admitte ao seu lado nem mesmo aquelles cujas idéas abraça e applaude. O marquez de Pombal é, como os encyclopedistas, filho do grande movimento philosophico e scientifico do seu seculo, mas detesta os ideologos e os philosophos, que lhe pagam na mesma moeda. É o que succede tambem com a Revolução. Procurem na lista das victimas da guilhotina, e lá encontram os philosophos, os pensadores, os poetas, que fizeram a Revolução nas idéas, e prepararam a Revolução em factos. Malesherbes, Bailly, Condorcet, André Chénier, Lavoisier, os pensadores da Constituinte, os girondinos, esses philosophos da Convenção, todos cahem victimas do terrivel dictador revolucionario. Voltaire tem uma apotheose, porque já não existe; se vivesse, morreria na guilhotina, ouvindo os seus algozes a proclamarem as suas doutrinas, como Rouget de l'Isle tomou o caminho do exilio, ouvindo os que o perseguiam pelas montanhas do Jura cantar a sua *Marselheza*. Assim tambem o marquez de Pombal, longe de chamar para a côrte portugueza os encyclopedistas, afasta-os cuidadosamente: sepulta Garção no carcere, e aceita a Arcadia, porque é um arruamento da poesia, a rua dos Capellistas e a rua dos Algibebes da litteratura.

A Encyclopedia pela sua parte detesta-o, e não o comprehende, como detestaria, como não comprehenderia a Revolução. É necessario que decorra um seculo, que a critica historica tenha feito progressos enormes, para que se possa vêr a marcha triumphante da civilisação. Voltaire chama tyranno da idade média ao marquez de Pombal. Rousseau detesta Voltaire. Frederico II recebe os jesuitas, Pombal expulsa-os, Catharina II acolhe Diderot, José II impõe a Roma uma concordata liberal, Carlos III, Florida-Blanca e Tanucci, Luiz XVI, Malesherbes e Turgot, dão um impulso enorme á civilisação de Hespanha e de Napoles e de França, Lafayette combate pela republica na America, e pelo constitucionalismo na Europa, a Revolução proclama odio aos reis e os reis declaram guerra sem treguas á Revolução, e todos elles comtudo, todos esses vultos extraordinarios que se dilaceram, que se combatem, que se odeiam, que se calumniam, a imperatriz autocratica da Moscovia, o rei philosopho da Prussia, o Cesar humanitario da Austria, Franklin o democrata e Florida-Blanca o fidalgo, Turgot o economista, e Camillo Desmoulins o pamphletario, Washington o espartano, e Lafayette o atheniense, o zombeteiro Voltaire e o melancolico Rousseau, Mirabeau a voz trovejante da liberdade, e o marquez de Pombal a expressão mais completa do despotismo, todos trabalham pela obra commum da nova civilisação, todos elles fazem luz, todos concorrem para esse immenso esplendor que illumina o mundo no fim do seculo XVIII. Assim ao longe, muito ao longe, nas profundidades do oceano, trava-se a bordo d'uma fragata uma lucta medonha. Troveja a fuzilaria, corre o sangue no convez, e um incendio enorme lambe os mastros e as enxarcias. E a vaga comtudo leva para a côrte o navio incendiado e convulso, e o espectador, que lá n'um fraguedo remoto sonda os mysterios do horisonte, o que vê apenas de tudo isso? Um vasto clarão tranquillo que caminha sobre as ondas, espalhando em torno de si uns reflexos de aurora.

Lisboa, março de 188?.

PINHEIRO CHAGAS.

AS CINZAS DO GRANDE MARQUEZ

Falla-se no centenario do grande homem que tanto se esforçou por elevar o seu paiz, por engrandecel-o, por tornal-o respeitado nos conselhos das grandes potencias, em que elle soube assignalar-lhe lugar de honra que depois da sua morte nunca mais reconquistou.

Quiz vêr-lhe as cinzas, e encaminhei-me, como piedoso romeiro, para a ermida das Mercês, á procura d'uma inscripção qualquer que me dissesse: «É aqui o lugar do repouso dos preciosos restos do maior patriota do seu tempo, que foi tambem um dos mais robustos espiritos da sua época, espirito que brilhou a par dos seus contemporaneos mais eminentes e se affirmou d'uma maneira quasi lendaria».

Inutil canceira!

Nenhuma inscripção encontrei! E a severa mudez d'aquellas paredes tão pouco poderia satisfazer a minha legitima curiosidade.

Lembro-me que se ouvia, insistente, lá em cima, a zumbir n'um voltear de desespero sobre os vidros defumados, na cupula da capella, uma unica mosca solitaria.

De folego vivo não se dava outra noticia: as devotas já se tinham ido, eu estava só, tão só e tão abandonado como estava a ermida.

Ella tinha o aspecto phantastico d'essas mansões de fadas em que o maravilhoso se depara a par do enigmatico.

Eu procurava um empregado qualquer que me esclarecesse a respeito do lugar onde repousavam as cinzas do marquez.

Levantei ao acaso uma cortina pouco nova e menos isenta de pó, á esquerda da capella, que me pareceu occultar uns umbraes de porta interior.

Enganei-me.

Em vez d'essa porta achei-me em frente da miniatura de dous elephantes de pedra, já mutilados, que sustentavam um modesto caixão, coberto d'um reles panno mortuario.

Eu já tinha visto aquelle caixão em outra parte, ha muitos annos, sobre uma eça, no meio da ermida.

Affirmei-me e reconheci-o perfeitamente.

Era o mesmo, que servira na solemnidade da trasladação dos restos mortaes do marquez, apenas deteriorado pela acção do tempo; só o que se me afigurou differente foi o panno que o cobria.

Corri depressa a velha cortina, antes que alguem viesse surprehender-me.

Quando mais tarde soube que o actual representante da casa do marquez se recusava a entregar o deposito d'essas cinzas preciosas, que pertencem tanto á patria, como á historia pertence o nome que as tornou celebres e d'ellas fez uma reliquia nacional; quando me disseram que o actual marquez se arrogava o direito de as conservar em seu poder, com tão pouco recato e tão pouco respeito, — achei que tinha feito muito mal em ter descido aquella cortina.

Eu havia de a ter levantado antes, bem alto, para que todos os meus compatriotas fossem alli participar do sentimento de indignação que experimentei.

Faço-o agora; porque o que eu vi é uma vergonha, e o que deixo escripto é um protesto!

23 — fevereiro — 82.

LEITE BASTOS.

D'entre o pó d'esse vasto cemiterio,
Onde ha muito pousava a noite immensa
Da ingratidão de gerações extinctas,
A moderna consciencia, illuminada
Ao clarão dos relampagos da historia,
Ergue emfim dous cadaveres gigantes,
Talhando, na mortalha que os cobria,
O largo manto d'immortaes auroras.
Vinga o presente as sombras do passado
Na luz que jorra dos ardentes peitos.
Confundem-se no espaço as harmonias
De dous povos irmãos, ajoelhados
No templo augusto da verdade eterna.
Portugal e Brazil despertam juntos
Do mesmo leito de lethargos morbidos,
E á mesma voz de redempções futuras.
Irmãos no sangue, o amor os prende agora
No zêlo d'uma gloria aos dous legada.

Salvê por ti, Brazil, e por teus filhos!

Porto, 2 de março de 1882.

HENRIQUE MARINHO.

Para que fosse completa a grandeza de Pombal, quiz o destino que a sagrasse a desgraça. Só e isolado, a posteridade melhor o destaca no horisonte da historia, porque a unica aureola digna dos grandes homens symbolisa-se, não nas graças das côrtes, sim no signo magnifico que as provações estampam-lhes na fronte.

Ao apice das pyramides do Egypto, esses grandes monumentos do deserto, só alcançam os raios divinos do sol, morrendo ao horisonte!

Alberto de Carvalho.

ORIGEM BRAZILEIRA

DO

MARQUEZ DE POMBAL

O Brazil entrou tambem com o seu contingente vital para a feitura d'esse vulto proeminente dos fastos da nação portugueza, d'esse homem tão grande pelo seu amor á patria e energia de caracter, como pela prepotencia da sua vontade e dureza de coração. Sebastião José de Carvalho e Mello descende, pelo lado materno, de brazileiros; e, o que é mais, figura como um dos robustos troncos da sua arvore genealogica uma indigena das invias florestas pernambucanas; provindo, talvez, d'essas gotas de sangue indomito a crueza com que elle fazia executar as suas terriveis sentenças, ou antes, mais apropriadamente, as suas inexoraveis vinganças.

Eis como fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam, no seu *Orbe Seraphico*, traça os primeiros lineamentos d'essa ascendencia, que vamos encontrar depois continuada nos livros da nobliarchia portugueza até o nascimento do grande estadista portuguez.

Jeronymo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario de Pernambuco, Duarte Coelho, cahindo em poder da tribu *tabayára, tobayára* ou *tobajára* como a denomina José de Alencar, foi salvo pela dedicação d'uma filha do chefe da tribu, que se apaixonára pelo guerreiro portuguez, e de quem se tornou amante, e a cujos rogos se deixou baptisar, tomando o nome de Maria do Espirito Santo *Arco Verde*, cognome este pelo qual era tambem conhecido seu pai, o valente chefe dos tobajáras.

De Maria do Espirito Santo houve Jorge d'Albuquerque dous filhos: D. Catharina d'Albuquerque e Jeronymo d'Albuquerque Maranhão, os quaes foram por elle reconhecidos, como se de legitimo matrimonio fossem nascidos.

Jorge d'Albuquerque Maranhão foi um heroe; seu nome liga-se á historia da conquista da Parahyba, quando apenas contava 20 annos; sendo mais tarde por sua vez unico conquistador do Rio Grande do Norte. Em 17 de junho de 1614, recebendo a nomeação de — capitão da conquista e descobrimento do Maranhão —, parte, embora com insufficientes forças, e alli já encontrando fortalecidos os francezes, ataca-os valentemente, desaloja-os, derrota-os emfim, tomando posse das terras para a corôa portugueza e juntando, com justo orgulho, a seu historico nome o appellido de sua conquista; é desde então que fica chamando-se — Jeronymo d'Albuquerque Maranhão. Fallecendo a 11 de fevereiro de 1618, deixou tres filhos, todos fidalgos da casa real portugueza.

A irmã de Albuquerque Maranhão, D. Catharina, casou com Filippe Cavalcanti, nobre florentino de quem teve, entre outros filhos, D. Genebra Cavalcanti, que por sua vez casou com D. Filippe de Moura, fidalgo de antiga linhagem de Portugal.

De D. Genebra e de D. Filippe de Moura, nasceu D. Paulo de Moura, que aos vinte annos, enamorado e correspondido em seu amor, casou com D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha de João Gomes de Mello, o moço, e de D. Margarida d'Albuquerque, irmã de D. Genebra. D'esse consorcio nasceu uma filha, fallecendo pouco depois D. Brites de Mello, e deixando o apaixonado esposo em amargurada viuvez.

D. Paulo de Moura, não achando no mundo conforto para tão fundas maguas, recolheu-se ao convento de Nossa Senhora das Neves, em Pernambuco, e n'elle professou tomando o nome de fr. Paulo de Santa Catharina; sendo em 14 de janeiro de 1717, no capitulo celebrado em Santo Antonio, em Lisboa, eleito custodio do Brazil.

Taes são as informações que até aqui nos ministra fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam, confrade e contemporaneo de fr. Paulo de Santa Catharina; d'aqui por diante proseguem os livros nobliarchicos.

D. Maria de Mello, filha unica de D. Paulo de Moura e de D. Brites de Mello, casou com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commendador de Villa Franca de Xira e governador de Mazagão; d'este consorcio nasceu D. Mayor Luiza de Mendonça, a qual casou com João de Almada de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcaide-mór de Palmella e senhor do morgadio de Olivaes e do Souto d'El-Rei.

De D. Mayor houve João de Almada uma filha, D. Thereza Luiza de Mendonça que casou com Manoel de Carvalho de Athayde, moço fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo e capitão de cavallos na guerra de successão de Hespanha.

Finalmente d'esta união nasceu Sebastião José de Carvalho e Mello, o famoso ministro de D. José I, mais conhecido pelo titulo de marquez de Pombal.

D. Paulo de Moura, depois fr. Paulo de Santa Catharina, neto da india Maria do Espirito Santo Arco Verde, foi, pois, terceiro avô do marquez de Pombal, o qual portanto era sexto neto da filha do afamado chefe dos tobajáras.

Tal é a rapidos traços a origem brazileira do grande ministro, do qual, com toda a justiça, tanto se orgulham os portuguezes.

Rio de Janeiro — 1882.

FELIX FERREIRA (Fluminense).

Sebastião José de Carvalho e Mello

Das ruinas d'um terremoto edificaste Lisboa.

Sustentaste os brios de Portugal, sofreando a prepotencia estrangeira.

Esmagaste o fanatismo, expulsando os jesuitas.

Enriqueceste as letras e as sciencias, reformando os estudos.

Produziste a actividade e a riqueza no commercio e nas industrias, iniciando as exposições.

Foste homem e... acabaste no exilio pela cólera implacavel d'uma rainha estupida e fanatica, açulada pela vindicta jesuitica.

Martyr, a patria consagra-te o preito devido; a humanidade eleva-te ao numero dos seus heroes.

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1882.

Joaquim José Marques.

Prioridade das exposições industriaes

A verdade dos factos não é a miude a verdade tida como historica.

N'este seculo de investigação e de critica quantas lendas teem sido expungidas á historia antiga e á historia moderna! Que de fabulas relegadas para as suas origens — os chronicons monasticos e os annaes da realeza, pulverulentos repositorios de pias invenções e de patranhas monumentaes!

Conforme as circumstancias, ora se avolumavam pequenos casos insignificantes; ora se cerceavam, e não raro se supprimiam eventos dignos de memoria.

Pertence a esta ultima categoria um successo notabilissimo da administração restauradora do marquez de Pombal, successo de que são omissos os historiadores do reinado de D. José, e as biographias do seu primeiro ministro.

Desde os fins do seculo passado até aos nossos dias, escriptores de todos os paizes affirmam em todas as linguas que a primeira exposição de productos da industria foi a que, para solemnisar o setimo anniversario da fundação da republica franceza, se effectuou em Paris no anno de 1798.

Já na *Revista da exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879* (pag. 292 a 299) tratei detidamente d'este assumpto, e creio ter demonstrado que a asserção quasi universal não é exacta, e que a verdade é mui outra da geralmente admittida.

Mas, acaso pela limitada circulação d'aquella Revista, ou por outro qualquer motivo, continúa intacta a supposição anterior. Julgo, portanto, de bom ensejo, e considero até dever de amor patrio, renovar hoje, no centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello, o protesto que alli inseri, expondo agora summariamente o facto que altera nos fundamentos este capitulo da historia hodierna.

No reinado de D. José I, e por iniciativa do seu poderoso ministro, se effectuou em Portugal, no anno de 1775, a primeira exposição de productos industriaes, precedendo assim 23 annos a de Paris em 1798.

Relatam este acontecimento escriptores abalisados, nacionaes e estrangeiros:

Francisco José Maria de Brito, embaixador portuguez, em Paris, citado pelo autor seguinte:

Conselheiro Candido José Xavier Dias da Silva (*Annaes das sciencias, das artes e das letras*, tomo VII, pag. 157 a 160);

Adriano Balbi (*Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, tomo II, pag. 181);

José Accurcio das Neves (*Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sêdas em Portugal*, pag. 133 e 134);

Dr. Heinrich Schäfer (*Geschichte von Portugal*, tomo V, pag. 410);

Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (*Diccionario Geographico de Portugal*, 2.ª ed., pag. 159);

Innocencio Francisco da Silva (*Maravilhas do genio do homem*, por A. de Bast, versão de M. L. Coelho de Magalhães, tomo II, pag. 121);

A. S. A. Barbosa de Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*, tomo VI, pag. 213);

Revue de l'art chrétien (Paris, 1867).

Não póde ser acoimado de suspeito o testemunho do jornalista francez. É expresso nas honrosas phrases seguintes:

«Emulo de Richelieu na politica, o marquez de Pombal seguiu as pisadas de Colbert na administração.

«A posteridade julgará talvez severamente alguns actos do ministro portuguez, mas não lhe ha de negar a honra de ter querido desenvolver o commercio e a industria do seu paiz.

«Em 1775, durante a estada annual que D. José fazia no palacio e quinta d'Oeiras, proxima dos banhos de Estoril, aconselhados ao rei pela medicina, Pombal soube aproveitar-se d'esta circumstancia e transformar uma simples feira em exposição de productos da industria portugueza.

«A idéa, pelo menos, era engenhosa; outras nações se apropriaram d'ella, desenvolvendo-a, e de augmento em augmento chegou á Exposição universal de 1867, que provavelmente fechará a época dos concursos internacionaes. Esta minha reflexão não vem fóra de proposito, e antes me parece que é esta a verdadeira occasião para restituir ao marquez de Pombal o que de direito lhe pertence.

«Uma idéa fecunda, adoptada depois pelo mundo industrial, bastaria para justificar o titulo de *grande marquez* dado pelos camponezes a um velho decahido do poder e condemnado ás amarguras do exilio».

(Traducção do *Commercio do Porto* de 6 de setembro de 1867).

O conselheiro Candido Xavier confessa dever ao mencionado embaixador Brito, testemunha provavelmente ocular da surprehendente festa (pois viveu de 1759 a 1825) a enumeração das riquezas industriaes expostas no palacio d'Oeiras.

«As tapeçarias do Algarve, estabelecidas á imitação das de Beauvais, de que ainda as salas do senado da camara de Lisboa e a casa dos vinte e quatro conservam armações; as rendas de Setubal, á imitação das inglezas; os pannos de Cascaes, de Portalegre, da Covilhã, do Fundão; as sêdas da Real Fabrica; os tecidos de algodão e sêda da fabrica de Locatelli, em Aveiro; as cambraias lisas e lavradas de Alcobaça; todos os artigos manufacturados nos suburbios do Rato; relogios da fabrica de Pires; louça, vidros, panno de linho, saragoças, gorgorões de Bragança, chapéos de Braga, Lisboa e Elvas; tudo quanto era producto da industria portugueza veio enriquecer aquelle espectaculo nacional».

Adstrinjo-me a estas duas transcripções, forçado pela estreiteza do espaço. Os leitores interessados acharão na *Revista da exposição* os demais testemunhos adduzidos, dos quaes se evidencia que a primeira exposição industrial da Europa se realisou no anno de 1775, por ordem do marquez de Pombal.

O espirito vidente do grande estadista abrangeu na sua alta concepção o extenso alcance d'este emprehendimento germinador. Anteviu n'elle o desenvolvimento da industria, o estimulo dos operarios, a nobilitação do trabalho; e, como consequencia infallivel, o bem-estar do povo e a riqueza do Estado.

E poder-se-ha ainda agora permanecer ingenuamente no erro inveterado de adjudicar á França uma primazia que lhe não pertence, que é innegavelmente de Portugal?

Será licito á raça portugueza consentir que se adultere a historia em proveito d'uma nação que — opulenta de haveres proprios e indisputaveis — quer ainda usurpar-lhe alguns dos florões da sua corôa, taes como a simplificação do astrolabio, o ensino pratico dos surdos-mudos, a invenção dos aereostatos?

Deveria eu, no dia de hoje, deixar de insistir na affirmação d'um facto que é uma das glorias de Pombal, a demonstração de seu genio creador, a prova irrecusavel da sua vontade esclarecida e tenacissima?

Joaquim da Silva Mello Guimarães.

A INSTRUCÇÃO PUBLICA NAS MÃOS DE POMBAL

Sebastião José de Carvalho e Mello, debellados e aniquilados seus inimigos, em nada pensou tanto como na mudança do systema de ensino, na escolha de professores de primeira ordem, mandando-os vir do estrangeiro, quando os não havia em Portugal. Em 1759 cria a aula de commercio n'um paiz em que até os guarda-livros eram estrangeiros. Estabelece 440 mestres de instrucção primaria no reino, 15 nas ilhas e 24 no ultramar. Era pouco, segundo as idéas do nosso seculo, mas era muito, muitissimo para aquelles tempos, em que não se pensava, não se discorria, não se raciocinava, em que a razão era escrava cega da theologia. Em 1751 creou-se uma aula de navegação. Em 1766 abre-se o afamado Collegio dos Nobres com excellentes professores, proferindo o italiano Ciera um discurso sobre a necessidade de fazer com que as sciencias, artes e letras revivessem no paiz. N'elle se estabeleceu o ensino das linguas latina, grega, franceza, italiana, ingleza, rhetorica, poetica, logica, historia, os theoremas d'Archimedes, os seis primeiros livros de Euclides, algebra, optica, principios d'astronomia, geographia, nautica, architectura civil e militar, desenho, physica, equitação, esgrima e dança.

O professor de rhetorica devia apresentar aos discipulos um resumo historico e critico das differentes seitas philosophicas.

O de historia tinha obrigação de dar idéa geral da chronologia, da geographia, da historia antiga e moderna, principalmente a portugueza, principios e progressos das artes.

Recommendava finalmente aos professores de linguas vivas que «o ensino tivesse um caracter pratico, dispensando uma multidão de preceitos inuteis a que ordinariamente se recorria n'esse ensino».

Não ficam, porém, as reformas n'isto. Estabelece uma aula de artilheria em S. Julião da Barra, e criam-se bibliothecas militares em todas as guarnições. Institue-se uma aula de cirurgia no hospital de Todos os Santos, funda-se a impressão regia, cria-se uma aula de pharmacia e um dispensatorio pharmaceutico junto da Universidade. E finalmente faz-se em 1772 a grande reforma da Universidade de Coimbra, reforma que, passado um seculo, ainda vigora, ainda é aceitavel, e ainda a Universidade bemdiz por occasião do centenario.

Lisboa, fevereiro de 1882.

Manoel Bernardes Branco.

Não ha muito tempo ainda, observando um typo de beata que andava em torno dos confessionarios e que urdia no seio das familias as mais complicadas intrigas, eu perguntava:

— Que novo marquez de Pombal nos livrará d'estes jesuitas femeas?

Luiz de Andrade.

O Medalhão do Marquez

É geralmente sabido que D. José, querendo remunerar condignamente a dedicação de Pombal, mandára collocar a effigie do seu ministro, esculpida em bronze, no pedestal da estatua.

Mas o que deve saber-se, é, que fallecido D. José, a plebe de Lisboa, açulada pela nobreza e pela fradaria, não se cançava de apedrejar a effigie do marquez de Pombal, até que o medalhão desappareceu.

N'esse tripudio, que o pusillanime governo d'uma rainha fraca tolerava, distinguiu-se um frade que vozeou apontando para o pedestal viuvo do medalhão:

— Olá! Este eclipse não estava marcado no repertorio!

Ah! meu fradinho revolucionario, que despicavas a morte do visionario Malagrida, a hora da justiça havia de soar cincoenta e seis annos mais tarde, para ti, e para o marquez de Pombal. Tu morreste anonymo, e o ministro de D. José revive, não só no medalhão restituido ao monumento em 1833, mas na historia, meu padre, — na historia, que é o monumento eterno, o medalhão que se não arranca, a effigie que se não apedreja.

Alberto Pimentel.

A grandeza do movimento que hoje se opéra é a prova mais irrefragavel da homenagem devida á memoria de Sebastião José de Carvalho e Mello — marquez de Pombal. Sendo amaldiçoado pelo passado como tyranno e atheu, o presente o acclama como um dos libertadores da humanidade.

Se Camões foi sagrado por immortalisar sua patria, não menos merece Pombal, que, fulminando a Companhia de Jesus, deu-lhe o direito de viver e pensar, e para toda a humanidade iniciou uma era de fecunda civilisação.

Sagremos, pois, o immortal Sebastião José de Carvalho e Mello.

Candido Elias Mendonça de Carvalho.

Palmam qui meruit ferat

Em sua missão augusta tem o espirito humano devassado innumeras sendas, nenhuma das quaes mais aspera, mas vasta, e tambem mais gloriosa que a do homem de Estado.

Attesta-o na successão das épocas, das revoluções, das crises que enchem a historia da civilisação, a marcha das nacionalidades e dos povos.

Á frente do immenso exercito que ha seis mil annos avança intemerato, alastrando a larga estrada de despojos opimos, destaca-se, nuvem de luz, a legião immortal que o guia, a phalange dos chefes cujas vozes de commando se vão ouvindo victoriosas no interminavel prelio.

Trajano ou Carlos V, Cesar ou Frederico II, Guilherme o Taciturno ou Cromwell, Henrique IV ou Guilherme III, Richelieu ou Pombal, cada um d'elles refulge em um estadio da esplendida jornada.

Tiveram uns acclamações e apotheoses, morreram gloriados, e com o mesmo brilho resurgiram na memoria dos posteros.

Passaram outros entre os coevos sem saudações, e sem laureas, assaltados pelas audacias da ignorancia, pelas explosões da injustiça, pelas tramas da inveja, sentindo embora nas libações de seu genio o resoar das ovações do porvir!

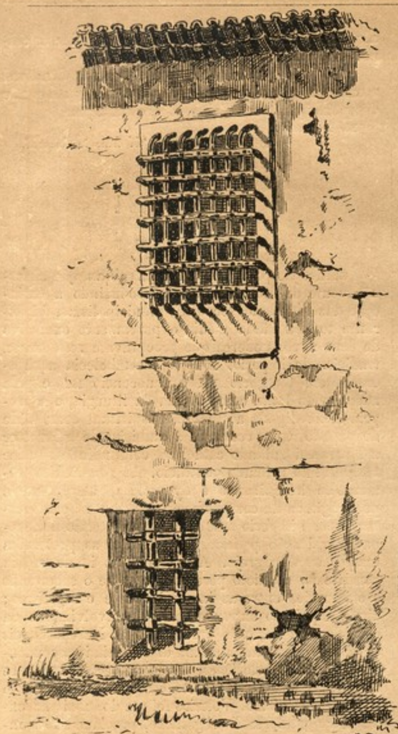
Coube a Pombal esta sorte, tão ajustada a um luctador de sua tempera.

Elle, que conseguiu remir a patria das humilhações de sessenta annos de captiveiro, não resgatadas em um seculo de independencia, viu disputada a sua corôa triumphal pelo clamor irreverente de aspirações subalternas!

Elle, que encerrou em uma malha d'aço, e dominou com animo firme, os odios que lhe perturbavam o labor inspirado, as rebelliões que lhe ameaçavam o plano grandioso, sentiu o seu nome proferido como um baldão na geração hostil que o cercava!

Mas, quando, depois de haver, pela força do talento e pela energia da vontade, reconquistado para Portugal a pristina importancia, teve para cortejo de tanta grandeza a reacção de rancores mesquinhos, e por apotheose o exilio; — presentiu de certo, nas visões de sua alma superior, as glorificações d'este seculo!

Manoel Francisco Corrêa.



Vista exterior do quarto em que falleceu o Marquez de Pombal.



Casa onde falleceu o grande Ministro.

LITH. PORTUGUEZA A VAPOR DE S. SANHUDO & IRMÃO

RUA DO LARANJAL, 116 - PORTO.

Tumulo onde repousam as cinzas do grande estadista. (Igreja das Mercês, Lisboa).

FARO & LINO

EDITORES

LIVRARIA CONTEMPORANEA

RUA DO OUVIDOR 74 RIO DE JANEIRO

RECEBEM ASSIGNATURAS DE TODOS OS JORNAES DO MUNDO

Teem sempre todas as novidades scientificas, litterarias e artisticas, assim como um variado e completo sortimento de livros nacionaes, francezes, italianos, hespanhoes e portuguezes.



LITH. PORTUGUEZA, A VAPOR RUA DO LARANJAL, 115 PORTO

S. SANHUDO

